

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria de Fátima Dias Pereira

**Fascismo - Totalitarismo/Autoritarismo
- Estado Novo em Questão**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria de Fátima Dias Pereira

**Fascismo - Totalitarismo/Autoritarismo
- Estado Novo em Questão**

Relatório sobre a Atividade Profissional
Mestrado em História

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Maria de Fátima Moura Ferreira

DECLARAÇÃO

Nome: Maria de Fátima Dias Pereira

Endereço eletrónico: fatimadiaspereira@sapo.pt

Título: Fascismo - Totalitarismo/Autoritarismo - Estado Novo em Questão

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Moura Ferreira

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em História

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____ / ____ / _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

O presente trabalho resulta de um percurso de trabalho e aprendizagem, que contou com o apoio de um grupo alargado de pessoas.

Uma primeira palavra de agradecimento para a minha orientadora, Professora Doutora Fátima Moura Ferreira. Sempre presentes ao longo do processo, soube transmitir as ideias certas, nos momentos certos.

Similarmente não pode deixar de mencionar aqueles de quem, ao longo desta viagem, recebi os estímulos necessários e uma inestimável solidariedade.

Aos meus pais... e toda a família que esteve comigo em todos os momentos.

Resumo

O Relatório de Atividade Profissional, que se apresenta, é composto por duas partes. A primeira é dedicada à atualização da componente científica, a partir de um estudo temático que versa sobre: O Estado Novo – Um estado da questão. Neste âmbito, analisam-se algumas contribuições historiográficas mais relevantes, produzidas nos últimos anos. Igualmente é perspectivado o Estado Novo sobre o signo do Autoritarismo versus Totalitarismo.

Na segunda parte, descreve-se a atividade profissional desenvolvida bem como as ações de formação e de enriquecimento, realizadas entre os anos 2002 e 2014.

A título conclusivo apresenta-se uma reflexão sobre a importância das atividades de atualização científica e pedagógica no sentido de promover a qualidade do desempenho profissional.

Abstract

This report of the professional activity has two main sections.

The first is dedicated to the update of the scientific component, with a thematic study with the title: The New State – A state of the question. In this scope, some of the most relevant historiographical contributions were analysed, mainly the ones produced in the more recent years. As the same way, the New State was studied under the sign of Authoritarianism versus Totalitarianism.

In the second section the professional activity done is described, as well as the training and enrichment actions carried out between 2002 and 2014.

As a conclusion, it is presented a reflection about the importance of the scientific pedagogic update as a promoting vehicle for the improvement of the quality of professional performance.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice.....	ix
Lista de Gráficos.....	xi
Lista de Quadros.....	xiii
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Contextualização científico-pedagógica do tema - Fascismo- Autoritarismo/Totalitarismo - O Estado Novo em Questão.....	5
1.1. Enquadramento Pedagógico e Curricular do tema.....	5
1.1.1. “Regimes ditatoriais na Europa” – Portugal, A Ditadura Salazarista – A Edificação do Estado Novo (Ensino Básico).....	5
1.1.2. Portugal: O Estado Novo (Ensino Secundário).....	6
1.2. Contextualização Científica: a clarificação de conceitos - Totalitarismo e Autoritarismo... ..	7
1.3. O Estado Novo.....	8
1.3.1. A abordagem de António Costa Pinto.....	9
1.3.2. O Estado Novo na visão de Rui Ramos.....	12
1.3.3. O Estado Novo - Análise de Fernando Rosas.....	18
1.3.4. O Estado Novo - António Costa Pinto/Fernando Rosas.....	28
1.3.5. O debate historiográfico sobre o Estado Novo (Luís Reis Torgal, Fernando Rosas, e Rui Ramos).....	30
Capítulo 2 Exploração da atividade profissional.....	33
2.1. Introdução.....	33
2.2. Descrição da atividade profissional.....	34
2.3. Exploração do projeto “A História vista pelos alunos”.....	51
2.3.1. Contextualização do projeto.....	51
2.3.2. Caracterização do projeto.....	52
2.3.3. Reflexão final.....	53
Capítulo 3 – Ações de formação.....	55

3.1. Ações realizadas.....	55
3.2. Contributo das ações para o desempenho profissional	56
Capítulo 4 – Considerações finais	57
Bibliografia	59
Anexos	63
Apêndices	119

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Receitas e despesas públicas em Portugal entre 1930-1960. ¹	13
Gráfico 2 - Presos políticos, em Portugal, entre 1932 e 1943.	22

Lista de Quadros

Quadro 1 - Resultados da produção e superfície abrangida em Portugal entre 1925 e 1939. ²	14
Quadro 2 - Cronologia do Estado Novo. ³	19
Quadro 3 - A adesão aos Sindicatos Nacionais, entre 1933-1971. ⁵	25
Quadro 4 - A adesão dos trabalhadores agrícolas, aos Grémios em Portugal, entre 1936-1971. ⁶	25

Introdução

Este projeto surgiu com a finalidade de me enriquecer como docente e como indivíduo e responder aos desafios que vão aparecendo diariamente na minha atividade profissional. Tive uma preocupação constante em me atualizar cientificamente ao longo do meu percurso profissional, quer em termos transversais como ao nível da especialidade disciplinar (ver curriculum desenvolvido, em anexo). Chegou o momento em que senti necessidade de conquistar uma nova etapa. Consciente que terei um trabalho exigente e que me defrontarei com muitos obstáculos, a minha persistência e o apoio de todos os que me rodeiam, essencialmente, por parte da minha orientadora, serão traves mestras para o desenvolvimento deste projeto.

Concluí a minha licenciatura em História e Ciências Sociais, no ano de 1999, como trabalhadora estudante, com treze valores e, desde então, leciono no 3º ciclo e no ensino secundário (profissional). Contabilizo treze anos de docência nestes ciclos de ensino mas a experiência na docência teve início em 1996, no primeiro ciclo do ensino básico.

Considereei que era a altura de transpor uma nova etapa na minha carreira profissional, deste modo, no ano de 2012/2013 inscrevi-me no mestrado de História, do qual resulta a elaboração deste relatório de atividades.

Ao longo destes vinte e seis anos, tive experiências muito gratificantes, como docente. Face às exigências do sistema educativo e aos desafios do mundo atual, considero que é urgente manter-me atualizada sob o ponto de vista científico.

No âmbito da realização deste relatório, optei por me centrar numa problemática relevante e que desperta um interesse muito particular entre os alunos: – a experiência histórica do Estado Novo.

Em contexto escolar o tema é abordado em dois momentos distintos, na disciplina de História no 9º ano e de História A, no 12º segundo ano, ou seja, no final do terceiro ciclo e no final do secundário, respetivamente.

Numa primeira abordagem, pretende-se despertar os alunos para a existência de regimes políticos que se instauram no passado recente e que se revelaram particularmente traumáticos do ponto de vista do ponto de vista da experiência histórica. Alerta-se, também, para um conjunto de princípios, valores e instrumentos utilizados para colocarem em prática determinadas ideias. Pela variedade e qualidade de recursos propostos pelos nossos manuais escolares, acrescentando o

papel do professor como organizador e facilitador da aprendizagem, este tema pela sua relevância suscita o interesse junto dos alunos.

No nível de ensino secundário, 12º ano, a exploração do tema já exige um trabalho muito mais elaborado. As orientações curriculares da disciplina de História vão no sentido de desenvolver nos alunos formas de pensar estruturadas e modos de agir criativos, o que implica a conceção de aula como um espaço aberto às dinâmicas individuais e em grupo. O professor será como um orientador atento, conciliando o cumprimento do programa com respostas pedagogicamente adequadas às necessidades dos alunos, preocupando-se com a formação de cidadãos, cientificamente alfabetizados, capazes de desenvolver e alcançar um pensamento crítico sobre os temas em estudo.

Em suma: a atualização contínua e a troca de experiências e vivências assume um papel cada vez mais importante na vida dos professores, uma vez os ajuda a encontrar respostas para a maioria das suas inquietações e lhes permite enfrentar os desafios do presente e no futuro, em termos mais consistentes. Pretende-se, deste modo, melhorar a qualidade do nosso ensino e formar cidadãos cada vez mais conscientes e responsáveis para enfrentar uma sociedade globalizante, em constante mudança.

A inscrição neste mestrado teve como principais objetivos aprofundar os meus conhecimentos nesta área, conhecer novas metodologias e recursos inovadores que me permitirão melhorar a minha atividade docente.

O trabalho aqui apresentado além de ser um complemento de formação, de reflexão e de síntese, é também um importante investimento na minha prática docente, na medida em que me permite atualizar cientificamente.

O relatório está dividido em duas partes. Numa primeira parte, apresento uma revisão crítica da historiografia recente sobre o Estado Novo, com o objetivo de me atualizar ao nível dos desenvolvimentos da investigação neste domínio, tanto no plano da historiografia nacional como internacional. Cumpre destacar a importância da perspetiva comparativa no sentido de melhor compreender a especificidade do caso português, no âmbito da literatura da especialidade sobre o totalitarismo/autoritarismo, no período entre guerras. Analiso, nestes termos, o estado da historiografia nacional, no que respeita a temas, problemas e perspetivas dos autores, além de explicar os novos desenvolvimentos que têm vindo a ser feitos até ao presente.

Na segunda parte apresento uma reflexão sobre a atividade profissional desenvolvida, no exercício de cargos e prática docente. Concluo com a apresentação de um projeto intitulado “A

História vista pelos alunos” que considere de todo o interesse destacar pela sua relevância pedagógica e de interação com o meio envolvente.

Capítulo 1 - Contextualização científico-pedagógica do tema - Fascismo- Autoritarismo/Totalitarismo - O Estado Novo em Questão

1.1. Enquadramento Pedagógico e Curricular do tema.

1.1.1. “Regimes ditatoriais na Europa” – Portugal, A Ditadura Salazarista – A Edificação do Estado Novo (Ensino Básico)

As diretrizes para o ensino da História, tendo em conta as linhas orientadoras do Programa, homologado em 1991, em vigor do ensino básico, apontam para a promoção dos seguintes objetivos: necessidade da renovação dos estudos históricos e abertura a novos domínios e novos campos de saber; perspetiva informada e crítica do mundo contemporâneo, desenvolvimento das capacidades cognitivas operatórias (raciocínio fundamentado, análise, síntese e opções éticas) no sentido de promover a autonomia do aluno; e promoção de uma consciência cívica de respeito e tolerância pelos valores democráticos.¹

Face ao exposto torna-se imprescindível o envolvimento dos alunos no processo ensino-aprendizagem, proporcionando-lhes um conjunto de experiências motivadoras que vão de encontro aos seus interesses e, simultaneamente estando em conformidade com o programa em vigor.

O modelo Salazarista enquadra-se no programa em vigor do 9º ano, com a designação “Portugal: a ditadura salazarista”, uma das alíneas do ponto 10.2 - Entre a Ditadura e a Democracia.² Nos manuais escolares do 9º ano, apresenta-se inserido no capítulo J2 - “Regimes Ditatoriais na Europa”³. Contempla os seguintes itens:

- Salazar, Presidente do Conselho;
- Características do Estado Novo;
- Um Estado Corporativo;
- Um Estado Colonialista.

Os objetivos do módulo têm como fim a compreensão do regime português no contexto da Europa, apontando para a identificação dos princípios fundamentais e estabelecimento de

¹ DGEBS, *Organização Curricular e Programas*, Volume I, 1991...125.

² DGEBS, *Organização Curricular e Programas*, Volume I, 1991 ...139.

³ Anibal Barreira, Mendes Moreira, *Sinais da História* (Porto: Texto Editores, 2008), 108.

comparações, mais concretamente, com o fascismo italiano e alemão, salvaguardando-se a especificidade do regime português.

1.1.2. Portugal: O Estado Novo (Ensino Secundário)

As orientações gerais do Currículo do ensino básico, homologado em 2002, vão no sentido de desenvolver nos alunos aprendizagens que lhes permitam construir um conhecimento histórico e saber mobilizar saberes. O programa aponta como finalidades:

1. “Promover o desenvolvimento de competências que permitam a problematização de relações entre o passado e o presente e a interpretação crítica e fundamentada do mundo atual.
2. Desenvolver a capacidade de reflexão, a sensibilidade e o juízo crítico, estimulando a produção e a fruição de bens culturais.
3. Favorecer a autonomia pessoal e a clarificação de um sistema de valores, numa perspetiva humanista.
4. Desenvolver a consciência da cidadania e da necessidade de intervenção crítica em diversos contextos e espaços.”⁴

O Estado Novo, no ensino secundário, é lecionado no 12º ano, História A, inserido no módulo7 – Crises, embates ideológicos e mutações culturais na primeira metade do séc. XX – ponto 2.5.⁵ Apresenta os seguintes itens:

Portugal: o Estado Novo

- O triunfo das forças conservadoras; a progressiva adoção do modelo fascista italiano nas instituições e no imaginário político.

-Uma economia submetida aos imperativos políticos: prioridade à estabilidade financeira; defesa da ruralidade; obras públicas e condicionamento industrial; a corporativização dos sindicatos; e a política colonial.

- O projeto cultural do regime.

⁴ Clarisse Mendes, org., Programa de História A – 10º, 11º e 12º Anos, (Lisboa: Ministério da Educação Departamento do Ensino Secundário, 2001-2002),6.

⁵ Mendes, *Programa de História A – 10º, 11º e 12º ...*,50.

No desenvolvimento da contextualização científica apresenta-se uma revisão bibliográfica acerca de diferentes perspetivas de análise sobre o Estado Novo. Além de ser um conteúdo ministrado quer no ensino básico, quer no ensino secundário, a sua análise merece um grande destaque visto que se perpetuou em Portugal durante mais de quatro décadas.

Numa primeira fase é feito um enquadramento europeu do regime português, complementado com opiniões de sociólogos e historiadores que se debruçaram sobre a temática.

Numa fase seguinte são apresentadas as abordagens produzidas por historiadores portugueses, especialistas na matéria. A diversidade de interpretações constitui uma etapa particularmente significativa, no sentido de promover nos alunos uma atitude crítica e problematizadora acerca do conhecimento histórico.

1.2. Contextualização Científica: a clarificação de conceitos - Totalitarismo e Autoritarismo

Começo por apresentar a definição de conceitos “Totalitarismo” e “Autoritarismo”. Ao longo dos anos foram aparecendo várias visões sobre estes conceitos que por vezes denotam alguma ambiguidade.

O Totalitarismo, em sentido lato, é definido, como sendo toda a organização do Estado em que se rege por um regime anti democrático e antiliberal. É um governo, que não é eleito democraticamente e defende a restrição de determinadas liberdades fundamentais. Num sentido mais restrito, é toda a organização jurídica, política e social, onde há uma forte intervenção do Estado e as liberdades individuais não são respeitadas.

O Estado totalitário assume a sociedade no seu todo, sem espaços para desvios ou oposições. A organização absoluta do poder impõe-se sobre toda a vida pública e privada dos cidadãos, que são coagidos a seguir a corrente ideológica estatal. Opõe-se ao cidadão do liberalismo, ativo politicamente, e assume-se como um regime de forte opressão e de violência. Foi considerado o regime do século XX.

Por comodidade estas novas experiências políticas foram designadas fascistas e tiveram no fascismo italiano e no nazismo alemão os seus grandes paradigmas⁶.

⁶ Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora. [http://www.infopedia.pt/\\$totalitarismo?uri=vocabulario/totalitarismo](http://www.infopedia.pt/$totalitarismo?uri=vocabulario/totalitarismo).

O interesse pelo estudo do Totalitarismo começou a partir de 1970, quando J.J Linz apresenta um conceito novo – o pluralismo - na classificação de regimes políticos. A partir daí estabelece-se uma nítida diferença entre estados autoritários e totalitários. O totalitarismo é caracterizado pela ausência de pluralismo, por um forte controlo social, que se pretende homogéneo, e pelo exercício do poder sob a direção de um líder. O autoritarismo é definido pela existência de um pluralismo limitado, com instituições bem estruturadas e com uma grande previsibilidade de atuação de um chefe⁷.

Giddens, num trabalho datado de 1985, sublinha a preocupação dos especialistas do tema em evidenciar elementos que distingam o autoritarismo do totalitarismo. Considerou que o terror é um instrumento primordial do totalitarismo, sempre interligado a uma ideia de unidade e estabilidade⁸.

Por outro lado J. J. Liz propõe uma definição para o autoritarismo ou regimes autoritários. “Os regimes autoritários são sistemas com um pluralismo limitado, não responsável; sem uma ideologia elaborada, carentes e uma mobilização política e em que um líder, exerce o poder dentro de limites, formalmente bem definidos, mas na realidade bastante previsíveis”⁹.

Os regimes formados pós primeira Guerra Mundial visavam a estabilidade e solucionar os inúmeros problemas das sociedades industrializadas e crescentemente massificadas, agravados pelos efeitos destruidores e desequilibradores do conflito mundial. A generalização da democracia liberal na Europa pós 1918 não se revelou eficaz no sentido de resolver os cenários de crise social, política e económica e deu lugar ` afirmação de uma vaga autoritária, antiliberal e antidemocrática, que de uma forma ou de outra, foi acompanhada pela idealização de um Estado forte, encarnado no poder do chefe.

1.3. O Estado Novo

Neste ponto do relatório apresenta-se uma revisão bibliográfica acerca de diferentes perspetivas de análise sobre o Estado Novo. Começa-se por fazer um enquadramento europeu do regime português, complementado com opiniões de sociólogos e historiadores que se debruçaram sobre a temática.

⁷ Idem. Cf. Também Xosé, Luís Barreiro Ribas, «Totalitarismo» em *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, (s.n.: Instituto de Filosofia de Linguagem, s.d.)

⁸ Idem.

⁹ Xosé, Luís Barreiro Ribas, «Totalitarismo»...

Serão ainda apresentadas algumas abordagens produzidas por historiadores portugueses, especialistas na matéria.

Toda a diversidade de interpretações expostas constitui uma etapa particularmente significativa, no sentido de promover uma atitude crítica, problematizadora e consistente acerca do conhecimento histórico.

1.3.1. A abordagem de António Costa Pinto

António Costa Pinto, no prefácio da obra “Fascistas”, contextualiza o caso português no âmbito da análise de M. Mann a respeito do Fascismo europeu, a partir das experiências registadas em seis países: Itália, Alemanha, Áustria, Roménia, Hungria e Espanha, que constituem o universo em estudo¹⁰.

A institucionalização do Estado Novo, em 1933, ocorre na sequência do derrube do regime republicano, na sequência do Golpe Militar de 28 de Maio de 1926. Ao contrário do observado na maioria dos países da Europa que participam da vaga autoritária e totalitária, na esteira do derrube de regimes liberais ou democráticos, Portugal não é palco direto do conflito mundial¹¹. Costa Pinto procura mostrar a especificidade do caso português em relação ao observado na Europa, nos anos 20 e 30, de forma a entender a natureza do regime e a posicioná-lo no binómio totalitarismo-autoritarismo.

O impacto diferenciado da Primeira Guerra Mundial é assim um elemento a considerar na análise do autor que estamos a analisar. São assim salientados os grandes danos sofridos na estrutura produtiva, económica e social de alguns países, como são os casos da Alemanha, Itália, Áustria, Hungria, Roménia, para além da forte crispação política e ideológica.¹²

Como for, importa evidenciar a conjuntura política e social que marcou Portugal, após o fim da Primeira Guerra Mundial. Esta é marcada por alterações expressivas do campo partidário, aparecimento de partidos e reforço da conflitualidade política, a par do afastamento dos líderes carismáticos do 1º ciclo do regime republicano. A oposição generalizada à supremacia do Partido Democrático criou condições favoráveis ao golpe militar, na sequência da crescente intervenção militar na política republicana e da criação de grupos organizados no interior das Forças Armadas.

¹⁰ Michael Mann, *Fascistas* (Lisboa: Edições 70, 2011), 29.

¹¹ António Costa Pinto «Portugal, Michael Mann, o Fascismo Europeu», em *Fascistas*, Michael Mann, (Lisboa: Edições 70, 2011), 9-11.

¹² Pinto «Prólogo», ..., 14-17.

Costa Pinto sublinha assim que a queda do liberalismo republicano, em Portugal, não se deveu em especial às consequências da participação na Primeira Guerra Mundial, como aconteceu nos países que sentiram os efeitos destruidores nos seus territórios e que tiveram de encontrar soluções. Destaca, sobretudo, a politização crescente do exército português, relacionada com o envolvimento na política, através da pertença a várias facções: republicanos conservadores, católicos-sociais de extrema-direita integralista e até fascistas. O envolvimento na política de membros destacados das elites militares possibilitou o protagonismo dos militares no restabelecimento da ordem interna.

Além dos fatores supramencionados, Costa Pinto acrescenta a complexidade dos acontecimentos políticos ocorridos nos primeiros anos da Ditadura Militar em Portugal que tornam mais complexa a “leitura”¹³ comparativamente com outras experiências europeias.

Em Portugal, a partir de 1926, ocorreram tentativas de formação de governos de tendência fascista (General Gomes da Costa, Martinho Nobre de Melo, ex-ministro de Sidónio Pais), mas que não se conseguiram impor face às relações de força existentes e à lenta afirmação política de Oliveira Salazar. O peso político fascista era diminuto. Na mesma linha, Costa Pinto mostra que, desde o início da República, existiam ideologias e movimentos concorrentes mais adequados para colaborar com os dirigentes militares da ditadura.¹⁴ Juan Linz partilha da mesma ideia e refere que se numa fase de transição, em que os militares assumem um papel central, estes apesar de simpatizarem com os seus setores mais jovens (fascistas) acabam por se apoiarem nas elites burocráticas e nos partidos conservadores, que lhes oferecem maiores garantias.

Na perspetiva de Costa Pinto, o modelo salazarista ultrapassava o simples programa da “ordem” e não incluía os aspetos totalitários e “pagãos” defendidos na Alemanha e na Itália. Considera-se que as suas origens ideológicas e políticas se encontram no tradicionalismo antiliberal e na importância do catolicismo¹⁵.

Assim tendo em conta as circunstâncias supramencionadas, que desaguam na fragilidade do traço fascista no Estado Novo, Costa Pinto não deixa de apontar a presença de elementos de tendência fascista.

Em 1936, o regime salazarista tinha a estrutura principal consolidada. Progressivamente, foram criados novos organismos: uma milícia, (a Legião Portuguesa), anticomunista que fazia

¹³ Pinto, «Prólogo» ..., 18-22.

¹⁴ Pinto, «Prólogo» ..., 20-21.

¹⁵ Pinto, «Prólogo» ..., 23.

parte do regime, com funções paramilitares e de informação policial, sob a influência do fascismo italiano. Controlada pelo Estado, englobava uma minoria fascista, colocada por oficiais do exército.

Em paralelo, foram criadas organizações de enquadramento da população (corporativismo, organização oficial da juventude e das mulheres) a par de organismo de propaganda¹⁶.

A par da organização política, importa destacar princípios ideológicos nucleares à matriz do regime. Entre eles, cumpre destacar o nacionalismo e o colonialismo, largamente corporizados na “Exposição do Mundo Português”, na década de 40.

O corporativismo, enquanto ideologia e prática, representa um vetor igualmente central que deve ser considerado. O seu grande objetivo era promover uma ideologia de consenso e harmonia social, de forma a debelar a conflitualidade social, nascida da oposição capital e trabalho. Foram assim lançados os grémios e os sindicatos, sob controlo estatal, instituindo-se, na base da estrutura corporativa, os organismos primários (Casas do Povo e Casas dos Pescadores).

Registe-se, por último, que o Estado Novo se apoiou fortemente nos instrumentos de enquadramento tradicionais, Igreja e elites locais, e não na mobilização das massas, aspeto que o diferencia nos regimes fascistas.

Conclui-se que a estrutura do Estado Novo era muito semelhante, numa primeira fase, ao fascismo italiano¹⁷, mas com o evoluir do mesmo e dos interesses instalados, foi-se criando um regime à medida do país, primando pela manutenção da ordem e da sua duração. São exemplo disso as estratégias utilizadas por Salazar – concessões dadas às Forças Armadas para submeter a hierarquia ao regime, a criação da Mocidade Portuguesa, a política de neutralidade, assinada nas vésperas da 2ª Guerra Mundial; o colonialismo que assumia uma dimensão ideológica cada vez maior, à medida que se tornava desfavorável a conjuntura internacional; e o corporativismo que foi sendo trabalhado de acordo com os interesses dos intervenientes.

As origens culturais da ditadura salazarista aproximam-se daquelas ditaduras onde o catolicismo e o maurrasianismo dominaram, como o caso do franquismo, em Espanha, de Vichy em França ou do regime de Dolfuss na Áustria. Se a análise for alargada para a forma de transição para o autoritarismo e os agentes envolvidos - a queda do liberalismo e a ditadura militar, de iniciativa militar com o apoio dos partidos autoritários de direita -, pode-se considerar Horthy na Hungria (1919), Pilsudski na Polónia, a Grécia e a Lituânia (1926).

¹⁶ Pinto, «Prólogo» ..., 26.

¹⁷ Pinto, «Prólogo» ..., 25-26.

1.3.2. O Estado Novo na visão de Rui Ramos

Rui Ramos parte do seguinte pressuposto a narrativa que apresenta sobre o Estado Novo conjuga e articula História política, económica, social e cultural, com o fim de traçar “uma visão integrada de cada época e de cada momento histórico”¹⁸.

O autor começa por apresentar o Estado Novo, institucionalizado em 1933, resultado da ação e da habilidade pessoal de Salazar e do compromisso firmado entre as várias correntes políticas, em tono da União Nacional¹⁹. Como afirmava o general Carmona, então Presidente da República, numa das suas entrevistas: “O equilíbrio tem sido a nossa força, e não o devemos perder”²⁰.

Começamos por traçar uma síntese sobre o período, a partir da análise do estudo de Ramos. A começar aponta-se a instabilidade que marca os anos inaugurais do regime, na esteira da ambiência que atravessou a I República²¹, em resultado tanto de fatores internos, – remodelações governamentais (1932-1936), Ministério do Interior, da Guerra e Negócios Estrangeiros (4); Ministério das Colónias e do Comércio (3); Ministério das Obras Públicas e da Instrução (2); remodelação do exército (1936) – como de fatores externos - crise de 1929 (crash da Bolsa de Nova Iorque), ascensão de Hitler na Alemanha (1932-1933); a Guerra Civil em Espanha (1936-1939).

Salazar procurou proteger o país dos efeitos nefastos da conjuntura internacional, tanto no plano económico como político. Afirmava que a localização geográfica e a situação de Portugal como país periférico e atrasado constituía um benefício ²². Imprimiu uma política dirigista e de equilíbrio, como Ministro das Finanças (1928-1932), e a sua governação norteou-se pela correção dos desequilíbrios nacionais - o défice orçamental, a dívida pública e a desvalorização monetária - que, na perspetiva de Salazar, advieram dos erros causados pelas políticas dos regimes anteriores.

Em 1939 o país atingiu um equilíbrio orçamental não obstante a quebra das exportações e das remessas dos emigrantes.

O Gráfico 1 mostra a evolução das receitas e despesas públicas em Portugal, entre 1927 e 1960. Verifica-se que houve um equilíbrio da balança comercial durante o mesmo período.

¹⁸ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” 1926-1945», em *História de Portugal*, coord., Rui Ramos (Lisboa: Esfera dos Livros, 2009), I-II.

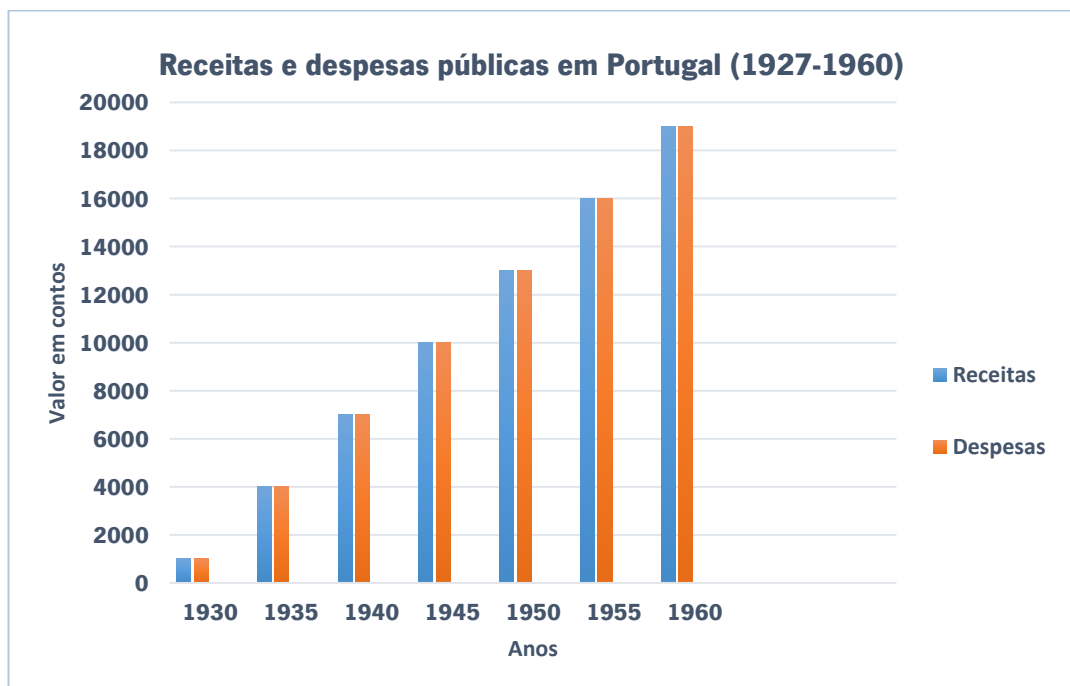
¹⁹ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 630.

²⁰ António Ferro, *Declaração do Sr. General Carmona ao jornalista António Ferro* (Lisboa: s.n., 1934), 19.

²¹ Rui Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 632-635.

²² Rui Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 640-641.

Gráfico 1 – Receitas e despesas públicas em Portugal entre 1930-1960.



Fonte: A.H. Oliveira Marques, «Receitas e despesas públicas (1927-1970)»²³

A política de equilíbrio orçamental é aplicada a todos os setores governamentais. Assim em 1937 a rede de estradas regista avanços significativos, é construída a primeira autoestrada de modelo alemão, entre Lisboa e o Novo Estádio Nacional (1944). As escolas tinham aumentado de 7 mil (1927) para 10 mil (1940), verificando-se que no ano atrás mencionado, cerca de 51% da população portuguesa foi recenseada, como sabendo ler e escrever. (o que nunca foi conseguido pelos republicanos).

Outra preocupação do Governo Salazarista era explorar todos os recursos nacionais, tal como aconteceu no período republicano. Um dado que corrobora esse aspeto é o lançamento da “campanha do trigo”, em 1929, no Alentejo²⁴, na sequência de campanhas propagandísticas. O êxito, ainda que limitado foi alcançado, entre 1930-1934, onde se registou a melhor produção de sempre.

O quadro I evidencia os resultados positivos atingidos pela “Campanha do Trigo”, em termos de área de superfície e níveis de produção, em Portugal, entre 1929-1937.

²³ A.H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol3 (Lisboa: Ed. Presença,1998)

²⁴ Rui Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 642.

Quadro 1 - Resultados da produção e superfície abrangida em Portugal entre 1925 e 1939.

Investimento Público (1929-1937)	+ De 32.000 contos	
Superfície Abrangida	1925-29	438 Mil hectares
	Anos 30	497 Mil hectares
Produção	1925-29	280 Toneladas
	1930-34	507 Toneladas
	1935-39	440 Toneladas

Fonte: Dulce Freire, «A campanha do trigo», 2008²⁵

Outras medidas foram lançadas no sentido de promover a agricultura, nomeadamente aplicação de um plano de florestação com a plantação do pinheiro bravo e a instalação de casais agrícolas nas partes menos povoadas do país. Para apoiar a natalidade instituiu-se o abono de família (1943) para os trabalhadores por conta de outrem na indústria e nos serviços e para o combate ao desemprego e o controlo dos preços.

Como constatou o autor a maioria das medidas implementadas ao longo do Estado Novo - o fomento florestal, o controlo dos níveis de produção ou de plantio de vinha - já constavam das políticas implementadas nos governos republicanos. Justificava que estas medidas não faziam parte de um plano prévio traçado pelo Governo, mas eram apenas estratégias governamentais aplicadas face a condicionamentos desencadeados por acontecimentos internacionais. Tanto para o governo salazarista como para os liberais e republicanos, era uma prioridade do Estado apoiar todos os sectores para que se criassem condições para uma economia nacional autossuficiente.

Corrobora-se que a estrutura corporativista, apesar de fazer parte do modelo político de Salazar e constar no ENT (Estatuto Nacional do Trabalho), desde 1933, já existia no século passado, embora de forma muito simplificada²⁶. Apresentam-se alguns exemplos de corporações que tiveram a sua génese, anteriormente, como a Casa do Povo já utilizada entre as associações de inspiração socialista, bem como os sindicatos nacionais.

²⁵ Dulce Freire, «A Campanha do Trigo», em *Os anos de Salazar*, v.2 (Lisboa: Planeta de Agostini), 54-63

²⁶ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional”...», 645.

A estrutura corporativa aparece no Estado Novo de uma forma mais aperfeiçoada, na medida em que o Estado instituiu novos organismos e reestruturou outros – Sindicatos, Casas do Povo e Grémios ao mesmo tempo que o Estado assume funções de coordenação e de regulação da atividade económica. O mercado passava a ser substituído pela organização corporativa que era a base da previdência social e até uma nova forma de representação política. Tinha outras funções - a atribuição de subsídios de invalidez, por doença, pensões de velhice e abonos de família (desde 1944). Era uma organização financiada por participações dos seus membros.

Os Grémios, as Casas do Povo e os Sindicatos participavam nas eleições dos vereadores municipais que poderiam ser eleitos elementos para dirigir qualquer tipo de associação corporativa (económica ou cultural). Todas elas estavam representadas na Câmara Corporativa e para complementar esta organização surgiu, em 1935, o organismo com a designação de Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) responsável pelo lazer.

O modelo corporativo foi-se alargando progressivamente. Em 1930 havia cerca de 754 associações de trabalhadores, 285 de empresários e 668 associações de socorros mútuos e outras de cultura e recreio.

Foi considerado um modelo incompleto e com algumas debilidades, na medida em que se destacaram as corporações económicas - ainda que a um nível básico e de forma desigual ao longo do país. Os sindicatos corporativos restringiam-se a Lisboa e Porto; e a Lei do Contrato de Trabalho (1937), férias pagas, indemnizações e os salários mínimos decretados, a partir de 1935/36, não se aplicavam à população rural (50% população ativa). Em 1960, apenas 30% das 4000 freguesias rurais (maioria no sul), tinham Casas do Povo e apenas 20% dos chefes de família estavam abrangidos. Os Grémios não contemplavam os pequenos produtores de alimentos e bebidas (menos de cinco operários) e as indústrias caseiras e outras não eram contempladas neste modelo.

O autor considerou que o modelo corporativo serviu essencialmente para controlar o operariado de Lisboa e do Porto e o proletariado agrícola do sul. Acrescenta que, este modelo facilitou concentrações de produtores e até converteu tecnologicamente alguns sectores da economia, além de proteger produtores, através da aquisição de produção e preços garantidos que, de outro modo, não conseguiriam viabilizar a sua atividade.

Conclui-se que, apesar das suas imperfeições, foi um sistema muito complexo, onde se articulavam os grandes e pequenos empresários e modos de produção modernos e tradicionais.

A Câmara Corporativa resumia-se a um grupo de pessoas “notáveis”, nomeadas pelo Governo e que se reuniam uma vez por ano.

O Estado Novo não correspondeu a uma revolução social mas a uma mutação geracional (tal como no governo republicano) e ideológica, dentro das elites estabelecidas²⁷. Essa elite era encabeçada por professores universitários, (entre 1933-1944, cerca de 40% dos ministros pertenciam a este grupo), não discursavam em público, em grandes assembleias (ao contrário dos liberais republicanos que tentavam mobilizar opiniões), mas eram técnicos que nos gabinetes geriam tudo, intervindo em todos os pormenores, chegando mesmo a corrigir projetos de grandes obras públicas.

A repressão foi assumida pelo regime, como uma necessidade de manutenção de ordem pública²⁸. Comparada com a I República, quanto ao número de vítimas e técnicas, o autor considerou o Estado Novo muito semelhante ou inferior. Apresentou, entre 1910-1926 (I República) cerca de 98 mortes provocadas por rebeliões e entre 1933-1974 (Estado Novo), faz referência apenas a 41 casos de morte. Acrescenta que, comparando, o Estado Novo com os regimes democráticos contemporâneos, na Europa, as médias eram semelhantes ou mais elevadas.

Debruçando-se sobre as técnicas aplicadas, durante estes dois governos - I República (Afonso Costa a Sidónio Pais) e o Estado Novo – concluiu que foram muito semelhantes (deportações, prisões prolongadas sem julgamento, recurso a tribunais militares, vigilância policial, espancamentos e execuções pela polícia, censura da imprensa, ação violenta e arbitrária de grupos de voluntários armados).

Constata-se que o Estado Novo limitou-se a aproveitar os métodos (desorganizados e imprevisíveis), utilizados durante a I República e, em outras sociedades europeias, aperfeiçoou-os e tornou-os mais organizados e previstos na lei.

Na perspetiva de Rui Ramos, o modelo repressivo salazarista foi muito pacífico, comparado com outros regimes europeus contemporâneos (Rússia e Alemanha), em que houve pena de morte, o “terror de massas” ou deportações étnicas, como, por exemplo, na Alemanha. No entanto admite que, durante o período de vigência do Estado Novo muitos empregos e bolsas eram concedidos, ou não, de acordo com as informações colhidas acerca de um determinado indivíduo.

²⁷ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 646-648.

²⁸ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 651-652.

No funcionalismo público, no jornalismo e outras áreas, a coação estava presente, ainda que de uma forma pouco clara.

Outra consideração feita ao regime salazarista é que não se esforçou por mobilizar as grandes massas e integrar a população na política nacional. A filiação ao partido do regime (União Nacional) era baixa e havia quase que uma acomodação ao regime, tal como afirmou o autor: “O regime assentava mais no conformismo do que na mobilização (...)”²⁹.

O Secretariado da Propaganda Nacional, instituído em 1933 pelo governo, fez vários esforços para promover a cultura, desde o recurso a prémios, exposições até à concessão de subsídios, mas os resultados foram pouco animadores. Tentou ainda divulgar uma vertente cultural popular nas casas do povo, com sessões de teatro e cinema e nas bibliotecas das escolas mas, sem grande efeito. Verificou-se que, nesta área, houve um grande impulsionador que foi o Ministério das Obras Públicas que conseguiu empregar um grande número de arquitetos, escultores e pintores, através da implementação de um programa de grandes obras públicas.

Progressivamente a Igreja foi vista como o meio de apoio às populações e apesar de se revelar fundamental não conseguiu agregar a maioria. Esta instituição, em 1940 era proprietária de 14% das publicações periódicas e da Rádio Renascença (desde 1938), impôs a peregrinação a Fátima, a Lourdes, como novo modelo de vivência de fé, controlava Irmandades e Confrarias, aumentou o número de alunos nos seminários (2239 em 1930 para 4173 em 1946), e de sacerdotes e religiosos (4154 em 1932 para 5662 em 1948). Contudo, refere-se que mantinha um grande défice de apoio, sobretudo no sul do país, por falta de padres.

O autor destacou algumas particularidades do Estado Novo: considerou-o uma ditadura de inteligência porque enquadrou os influentes da província³⁰, dando-lhes lugares de destaque e aproveitou os de regimes anteriores; os cargos eram ocupados por influências e os favores sucediam-se; o governo controlava tudo a nível local e os influentes integravam-se no regime paulatinamente, impossibilitando que a população escolhesse quem os governasse (a oposição partidária era controlada pelo governo).

O regime só conseguiu manter-se após a Segunda Guerra Mundial devido a uma conjugação de esforços, entre a astúcia de Salazar a nível nacional (remodelações no governo, acumulação de cargos ministeriais) e o aproveitamento da conjuntura internacional, criando-se um quadro favorável. Em 1944, foram substituídos oito ministros (a maior desde 1932), ampliaram os órgãos

²⁹ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 653-657.

³⁰ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 671-673.

corporativos de 2874 funcionários (1938) para 9937 (1945), aumentaram a capacidade de aniquilar a oposição interna (1945-1949) desunida e sem projeto concreto e o apoio, ao governo, dos grandes proprietários rurais (1940-1950) dificultavam as ramificações da oposição. Internacionalmente, destacou-se a política de neutralidade apresentada por Salazar (1939) com o consentimento de Inglaterra, França e Alemanha, quando assinou o Tratado de Amizade e Não Agressão com Espanha, utilizando este estatuto (neutralidade) beneficiou com os vários países (emprestava as ilhas aos aliados, o acesso à Ilha Terceira, (1943) aos ingleses e aos americanos o acesso à Ilha de Santa Maria, (1944) e vendia volfrâmio à Alemanha.

Esclarece-se que Salazar ao seguir uma posição de neutralidade teve inúmeros benefícios. Além dos supramencionados, conseguiu uma melhoria económica em alguns sectores, os lucros dos bancos triplicaram (1939-1944), as exportações recuperaram para 6,8% do PIB (1936- 1940) e aumentou para 10,6% (1941-1947). Além disso acumularam-se reservas de ouro e divisas³¹.

Como conclusão, salienta-se que durante o período de “Guerra Fria”, agravado entre 1947-1948, os países europeus democráticos tinham outras preocupações que se prendiam com os eventuais interesses nos pontos estratégicos portugueses, as ilhas atlânticas (Madeira e Açores) por parte da União Soviética e não tanto com a situação do Estado Novo. Além disso o Estado de direito, o pluralismo partidário e a rotatividade de partidos no poder ainda não era uma realidade em muitos países.

1.3.3. O Estado Novo - Análise de Fernando Rosas

O regime Salazarista teve uma duração de aproximadamente 36 anos (1933-1968) e incluiu-se numa das ditaduras mais longas da Europa, do séc. XX (1926-1974). É sobre o período salazarista que se foca a nossa análise. Refletir sobre as palavras “Durar, eis o segredo” e compreender como foi possível a ditadura salazarista para o manter durante tantos anos, eis a tarefa a desenvolver neste ponto do relatório.

Descreve-se, de forma sucinta, a conjuntura da instauração do Estado Novo em Portugal, no ponto 1.3.2, pelo que não será referenciado nesta análise.

Destaca-se a permanência do regime, após o fim da Segunda Guerra Mundial que ditou a desaparecimento das ditaduras. Contudo, o regime português sobreviveu e conseguiu até tornar-

³¹ Ramos, «Salazar e a “Revolução Nacional” ...», 662-665.

se mais forte no contexto de “Guerra- Fria”, altura em que se traçou um mundo bipolar - de um lado o comunismo da União Soviética e do outro lado o liberalismo dos EUA.

No quadro 2 apresenta-se uma cronologia sobre os principais acontecimentos durante a implantação e consolidação do Estado Novo.

Quadro 2 - Cronologia do Estado Novo.

ESTADO NOVO						
IMPLANTAÇÃO		CONSOLIDAÇÃO				
1932	1933	1934/1935	1936	1939	1940	1945
<ul style="list-style-type: none"> • Salazar Chefe do Governo 	<ul style="list-style-type: none"> • Plebiscito da Constituição da República Portuguesa. • Decreto Regulamentador da Censura. • Constituição do Estatuto Nacional do Trabalho e Previdência (INTP). • Extinção dos sindicatos livres e dos partidos políticos. • Sindicatos Nacionais. • Polícia Política (PIDE). • Secretariado de Propaganda Nacional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do SPN, dirigida por António Ferro (1934). • Criação da Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT). • 1ª Câmara Corporativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mocidade portuguesa e Legião Portuguesa. • Campo de concentração do Tarrafal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação do Conselho Corporativo, órgão superior da organização corporativa nacional. • Início da Segunda Guerra Mundial. • Neutralidade de Portugal. • Pacto Ibérico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição do Mundo Português em Lisboa. • Concordata com a Santa Sé. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fim da Segunda Guerra Mundial. • Marcação de eleições. • Secretário Nacional de Informação. • Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE).

Fonte: Célia Pinto Couto, Maria Antonieta Monterroso Rosas, *O Tempo da História 1ª Parte História A, 12º Ano ...*, 178³².

³² Célia Pinto Couto, Maria Antónia Monterroso Rosas, *O tempo da História 1ª Parte, História A-12º ano* (Porto: Porto Editora, 2009) 178.

O regime português, internamente, conseguiu resistir a várias crises - crise da era do General Humberto Delgado, em 1958; à crise de 1961; às mobilizações de antissalazaristas em 1962, como a crise académica, manifestações políticas de maio, greves nos campos do sul - que refletiam o desgaste e envelhecimento do regime. Revelando incapacidade para responder às exigências do mundo atual - pós 2ª Guerra Mundial - pautadas pela democracia, pelo desenvolvimento económico e justiça social, pela construção europeia e pela descolonização -, o regime resistia³³.

Apontam-se cinco fatores - a violência, as Forças Armadas, a Igreja Católica, o corporativismo e a criação de um “Homem novo” - que, atuando em conjunto mantiveram o regime durante longos anos³⁴.

A violência aplicada sobre duas formas: - a preventiva e a repressiva. A primeira intimida e desmobiliza qualquer multidão. Ela exerce-se sobre as grandes massas através da censura, de espões políticos, de vigilância e prevenção policial ou organismos de enquadramento político-ideológico do quotidiano (a família, a escola, lazeres e trabalho); e segunda, aplica-se pela polícia política, pelo sistema de justiça do regime e pelas forças policiais que o servem, agindo de forma exímia contra protestos, contra a organização clandestina da resistência e outros obstáculos ao regime.

Os fascistas vêm-na como uma forma de culto, um método capaz de curar a nação ideologicamente e moralmente. Faz parte do seu código que, obcecados por destruir, reformar ou neutralizar o velho Estado, não prescindem da ação da violência. É aplicada em diferentes graus, pelos diferentes regimes, como uma necessidade indispensável à nova realidade. As minorias esclarecidas apresentam-se como uma cruzada que se responsabilizam por essa limpeza. Cria-se um processo construtivo do novo regime - supressão das liberdades fundamentais de associação e de expressão, proibição de partidos, encerramento de parlamentos, fim da luta de classes, em favor do modelo corporativo, proibição de greves e liberdade sindical -, em suma, pretende-se silenciar todos os vestígios da oposição.

O Estado Novo quase legitima, juridicamente, a violência. Nas entrevistas de Salazar feitas por António Ferro, explica a necessidade do seu uso para estruturar o regime e a atuação das forças policiais que eram aconselhadas a darem “safanões a tempo”.

³³ Fernando Rosas, *Salazar e o poder – a arte de saber durar* (Lisboa: Tinta da China, 2013), 185.

³⁴ Rosas, *Salazar ...*, 186.

Os dois tipos de violência - preventiva e punitiva- funcionam de formas e em tempos diferentes. Numa primeira fase, a preventiva, invisível e quotidiana e posteriormente a punitiva, direta e mais seletiva, aplicada sobre mais rebeldes. Através da conjugação destas duas modalidades obtém-se um ambiente de terror, de medo que, visivelmente, não provoca grande número de vítimas mas era extremamente coerciva das consciências humanas. Ela toma dois rumos: de enquadrar as maiorias, doutrinar; e de reprimir os opositores expressos ao regime. Esta dupla face marca a originalidade política e ideológica do Estado Novo e contribuiu para a sua durabilidade.

A violência preventiva é utilizada com mais frequência e causa um efeito mais duradouro. Ajusta-se a uma população rural, predominantemente católica, quase analfabeta, dos anos 30 até aos anos 50 que, com o apoio da Igreja Católica, atua na perfeição, porque inculca os ideais do regime e faz uma espécie de “lavagem cerebral”. Apoiada por vários instrumentos - a censura aos órgãos de informação e espetáculos, as escutas telefónicas, a interceção de correspondência por parte da Polícia Política, os informadores de órgãos do Estado - causava danos muito profundos.

O sistema de ordem pública é sujeito a vários aperfeiçoamentos (reorganizado, rearmado e modernizado) até 1933, tornando-se cada vez mais eficaz e muito marcante a partir de 1939 contando com o apoio da PSP (tarefas preventivas e de repressão inicial nos centros urbanos) e da GNR (com missões de choque e policiamento rural)³⁵.

Após a Segunda Guerra Mundial, reforçam-se as forças de segurança em Portugal. Assiste-se a um período de grande controlo e de restrições – falta de liberdade de expressão, proibição de partidos políticos, proibição de atividades religiosas fora da Igreja Católica, proibição de associações, reuniões ou palestras não autorizadas, e ainda a proibição de sindicatos ou greves. No ensino primário, o recrutamento de pessoal e até os cúmplices nas empresas, estão sob controlo. Em suma, a repressão é de tal envergadura que, até a organização de um jogo de xadrez numa escola ou uma simples excursão num local de trabalho, era considerado um ato ilegal.

A opressão conseguiu provocar os efeitos desejados pelo Governo porque, nos finais dos anos 60, existem condições favoráveis à queda do regime. Só que a sujeição, obediência e passividade estavam tão interiorizados que o medo paralisa a maioria da população. A inculcação, a submissão e a desmobilização, eram fatores que consolidavam a violência preventiva e ajudavam a sustentar o regime de Salazar.

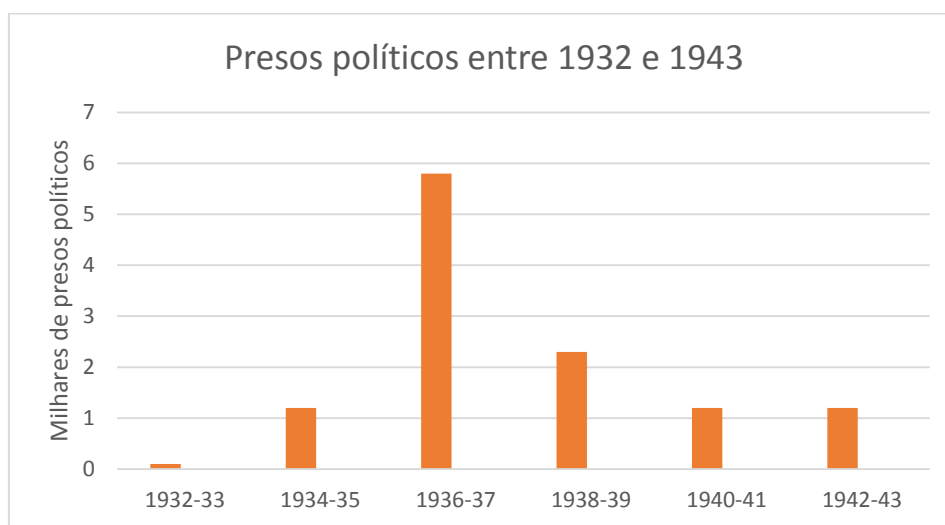
³⁵ Rosas, *Salazar ...*, 191-196.

A violência punitiva aplicava-se quando se verificava o insucesso da preventiva ou para aperfeiçoar o bom funcionamento do regime. Aplica-se em momentos mais tumultuosos (organizações ou atividades clandestinas), contando a colaboração de várias forças - polícia política do regime, a PSP, a GNR, as milícias da LP, tribunais especiais, redes de prisões políticas e campos de concentração.

Tendo a cobertura de uma legislação arbitrária, cometiam-se autênticas atrocidades - assassinato pela tortura nas cadeias, liquidação dos resistentes em emboscadas, operações policiais de rua, a tortura do sono, os espancamentos com vários tipos de instrumentos de agressão, o isolamento prolongado, a chantagem, a humilhação, a prisão arbitrária. Só entre 1934-1974 contabilizaram-se cerca de 30 mil prisões feitas pela polícia política -PVDE, PIDE ou DGS -, sem referir o período da Ditadura Militar, até 1933 (polícia política não tinha o monopólio das prisões políticas e respetivos registos de entrada)³⁶.

No gráfico 2 apresenta o número de presos em Portugal, levados a cabo pela Polícia Política, entre 1932 e 1943.

Gráfico 2 - Presos políticos, em Portugal, entre 1932 e 1943.



Fonte: Adaptado de A. H. de Oliveira Marques... 1998 ³⁷

Em texto supramencionado constata-se que as forças de segurança - Forças Armadas e exército - também se tornam essenciais para a sustentabilidade do regime. Elas apoiam os dois tipos de violência. As primeiras são consideradas o pilar da segurança do Estado Novo. Têm

³⁶ Rosas, *Salazar ...*, 201-204.

³⁷ Marques, *História de Portugal*, vol. 3., 19.

funções autónomas e uma superioridade política e institucional em relação à polícia política e outras forças de ordem. Apesar de, na retaguarda, o regime controla essa força.

O exército, depois de ser reorganizado e submetido ao regime, transforma-se num veículo político e ideológico de extrema importância. É uma das tarefas centrais, do Estado Novo, na segunda metade dos anos 30³⁸.

A Igreja Católica e toda a sua hierarquia fez uma verdadeira apologia do regime, quer junto de grandes massas e das elites quer, diretamente a partir do altar ou através de organizações católicas com intervenção de dirigentes nos aparelhos de enquadramento do Estado.

A Constituição de 1933 consagrava a criação de um Estado laico, mas verifica-se uma crescente integração da Igreja, com a conivência do Estado, nos interesses ideológicos do regime de Salazar³⁹. Pretende-se doutrinar a população e apresentar Salazar, como obra e instrumento de providência divina. Assiste-se a uma construção providencial do chede do regime e a uma apologia das suas principais opções políticas - o nacionalismo autoritário e antidemocrático, o corporativismo, o colonialismo -, por parte da Igreja que relega para segundo plano a sua função de apoio espiritual às populações.

O regime oferece à Igreja Católica vários dividendos, desde o reconhecimento da personalidade jurídica e das suas organizações, a proibição do divórcio nos casamentos católicos, a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas, a criação de uma hierarquia paralela à da hierarquia militar nas Forças Armadas, imunidades pessoais e fiscais. São aquisições que nenhuma entidade privada o tinha conseguido em Portugal. Passa a ser uma hierarquia que está ao serviço “espiritual” do regime.

A relação da Igreja Católica, entre 1926 e 1968, com a Ditadura Militar e Estado Novo passou por dois momentos. Entre 1926 e 1958, ocorre a construção e consolidação da unidade moral, da cumplicidade com o regime de Salazar, da legitimação da religião como fazendo parte do regime e percurso para a massificação ideológica das populações. O regime entrega à Igreja a direção de vários organismos: a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), grande influência no Instituto Nacional do Trabalho e Previdência (INTP), nas Casas do Povo e Casas dos Pescadores e ainda as missões católicas coloniais. Entre 1958 e 1968, já com o afastamento de Salazar da política e a perda de regalias criadas pelo Estado Novo, caracteriza-se pela progressiva desagregação da Igreja Católica, devido, por um lado,

³⁸ Rosas, *Salazar ...*, 213.

³⁹ Rosas, *Salazar...*, 257.

pelo surgimento de vozes da Igreja que se opunham ao regime e, por outro, devido a uma nova mudança resultante do momento da escolha do Papa João XXIII, em 1958, que imprimiu uma nova abertura à Igreja. A rutura ocorre com a substituição do Cardeal Cerejeira pelo Cardeal D. António Ribeiro (1961). Com o Concílio Vaticano II (1962), já há novas preocupações de um mundo em transformação⁴⁰.

A organização corporativa ou corporativismo, criada em 1933, também desempenha um importante papel no regime salazarista. Estrutura responsável, pela disciplina e ordem no mundo do trabalho, agrega patrões e trabalhadores. Funciona como uma entidade reguladora com a capacidade de equilibrar os interesses económicos dos diversos setores da economia. Contribui, ainda, para a redução da agitação dos sindicatos nacionais, acabando com as greves, liberdade de associação e expressão sindicais e até os custos da atividade policial.

Fernando Rosas considera que Salazar, ao criar este modelo, pretende dar-lhe uma dimensão “centralizadora, totalizante e estatista”. Em nome do discurso corporativista justifica-se ou impõe-se todo o tipo de atuações - a luta contra o crime, a repressão, o aniquilamento das organizações públicas e sindicais do operariado⁴¹. Ele surge a partir de uma base legal política – subordinada ao poder – e económica - direcionado para a intervenção económica sob a tutela do Estado. Evitar a desordem e regular a economia eram medidas urgentes e necessárias para os grupos dominantes. Integra esta dupla funcionalidade: prática (instrumento de ordem social) e enquanto regime (de regulação e intervenção económica).

As elites apelam e passavam a confiar neste novo tipo de Estado (forte, autoritário, estável, imposto sobre a anulação da democracia parlamentar, com autonomia suficiente para salvaguardar os interesses de todos) e nesta nova estrutura corporativista. Por outro lado, é responsável por desintegrar todo o movimento operário organizado, porque anula toda a capacidade negocial e reivindicativa dos assalariados. Destaca-se o período entre 1934 e 1939 que foi dramático - desde a destruição do movimento operário e destruição da organização clandestina do PCP e dos 10 mil presos por questões políticas, a maioria eram operários (57%) e outros trabalhadores (43%).

O regime salazarista, desde 1933, cria todo o tipo de leis e organismos referentes ao sistema corporativo, desde a base até ao topo: - os sindicatos nacionais para enquadrar os operários industriais e empregados de serviço privados (aos funcionários públicos era vedado o

⁴⁰ Rosas, *Salazar...*, 258-260.

⁴¹ Rosas, *Salazar...*, 287.

direito de associação sindical), os Grémios patronais da indústria, do comércio e da lavoura, as Casas do Povo e as Casas dos Pescadores, para o conjunto dos patrões e trabalhadores do mundo rural e das pescas. Surge, ainda, o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência (INT), órgão que tutela política e ideologicamente todos estes pequenos organismos e garantia a disciplina social⁴².

Os quadros seguintes (quadro 4 e quadro 5) são ilustrativos do enquadramento dos operários nas estruturas económicas do regime salazarista (Grémios e sindicatos do Estado).

Sindicatos Nacionais		
Anos	Nº	Filiados
1933	15	[...]
1938	232	185 713
1942	300	398 649
1950	306	557 616
1953	309	546 050
1959	320	636 417
1965	324	780 243
1971	326	1 422 228

Quadro 3 - A adesão aos Sindicatos Nacionais, entre 1933-1971.

Fonte: Em A.H. de Oliveira Marques... 1998 ⁴³

Grémios		
Anos	Nº	Filiados
1936	5	[...]
1943	413	[...]
1959	522	1 058 701
1965	555	1 034 249
1971	575	1 036 541

Quadro 4 - A adesão dos trabalhadores agrícolas, aos Grémios em Portugal, entre 1936-1971.

Fonte: A.H. de Oliveira Marques...1998-⁴⁴

A estrutura corporativa, como reguladora económica, tem a simpatia de importantes setores das classes médias, apologistas de uma política de equilíbrio orçamental e estabilidade, imposta através de um Estado forte e anti parlamentar. Sem espaço para sindicatos livres, nem greves

⁴² Rosas, *Salazar...*, 294

⁴³ Dados empíricos recolhidos em A.H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol3 (Lisboa: Ed. Presença,1998)

⁴⁴ Cf. A.H. de Oliveira Marques, A.H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol3

mas com uma grande capacidade política e financeira para intervir numa economia em crise, vários grupos sociais, com diferentes estratégias económicas aderem ao mesmo modelo corporativo⁴⁵. Pretendem preservar e rentabilizar os seus interesses e relegam para segundo plano as suas visões ideológicas contraditórias - modernização económica e social ou conservação das economias tradicionais.

A organização corporativa funciona como um apoio para toda a sociedade. Serve os grandes, médios e até alguns dos mais pequenos que vivendo anos consecutivos numa conjuntura de crise económica, voltam-se para este modelo. Estabelece-se uma relação política entre os diferentes grupos e o próprio Estado, em que todos pretendem equilibrar, de uma forma compensatória, os interesses, dividir de uma forma autoritária as vantagens, sem a existência de grande clarificação de critérios. Refere-se que, o imperativo político era a manutenção de equilíbrios estruturantes da economia e da sociedade, sem colocar em causa a durabilidade do regime.

Fernando Rosas esclarece que, entre 1930 e 1950 não há uma política económica característica do regime, mas sim medidas e intervenções económicas (algumas até incoerentes), que privilegiam a estabilidade do regime. A lógica de intervenção do regime na sua rede de relações, para atingir os diversos equilíbrios económicos do Estado Novo e da organização corporativa, é a referência à estabilidade. Tudo é permitido em prol do regime - remodelações, adoção de medidas urgentes (promoção industrial, melhoria de infra estruturas ou reforma na educação). Uma das preocupações era evitar as ruturas. A produção nacional (uma das prioridades do regime), só era contemplada desde que não se sobrepusesse aos interesses coloniais ou ao comércio internacional, em nome da unidade do império ou do abastecimento nacional.

A estrutura corporativa continua a sua atividade até 1960, altura da adesão de Portugal à Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA). Surge para responder à crise e necessitou de uma intervenção reguladora do Estado nos principais setores económicos - comércio interno e externo, agricultura e indústria. Ela agrega uma importante rede de organismos de coordenação económica, controlados pelo Estado que, por sua vez, adquire grandes poderes de direção sobre a atividade económica de todos os organismos corporativos. Através deles, o Estado regula e controla praticamente tudo - dimensões de empresas, cotas de produção, normas de produção,

⁴⁵ Rosas, *Salazar...*, 299.

cotas de consumo de matérias-primas, preços desde o produtor ao consumidor, circuitos de distribuição, autorização de importação, preços de exportação⁴⁶.

Considera-se que o modelo corporativo (1930-1950) era pouco coerente e sistemático e sem metas de desenvolvimento por sector. Ele surge para apoiar alguns setores em crise, com algum impacto económico, no país ou em determinados grupos sociais, mas cujo objetivo é o apoio do Estado. As soluções adotadas não obedecem a um padrão de equilíbrio ou gestão comum e variam de acordo com as condições de cada setor e com o poder negocial dos intervenientes. Por exemplo, na agricultura e indústria, apesar de orientações para que se defendam os grandes interesses agrícolas tradicionais, isso não acontece. Algumas das linhas tendenciais de intervenção bem como as medidas compensatórias, são pouco claras e aplicadas de acordo com os que participam.

Constata-se que a organização corporativa consegue concretizar dois dos objetivos do regime: a destruição da liberdade sindical dos trabalhadores, obrigados a serem enquadrados nos sindicatos nacionais, onde se impunham salários, condições de trabalho a níveis exploratórios; e o condicionamento da liberdade de associação patronal, com a compartimentação setorial e regional dos grémios e o encerramento de algumas velhas associações patronais, medida necessária para evitar frentes patronais que dificultassem a movimentação autoritária do Estado⁴⁷.

Por último apresenta-se um novo fator - a criação de um “Homem Novo”-, também crucial para apoiar na longevidade do regime e responder a este projeto totalitário. Luís Reis Torgal assume-se como um dos defensores da criação deste “Homem Novo”, que considera identificar-se com todas estas práticas. É através de organismos elucidativos da ideologia do Estado Novo, que se inculcam todos esses ideais. Espaços como a escola, a família, o local de trabalho e espaços de lazer são os veículos privilegiados para os transmitir. A conclusão da formatação desse novo homem, caso fosse necessário, era feita através da repressão e da censura.

Nas bases do discurso ideológico do Estado Novo, nos anos 30 e 40, defende-se a ideia de que essa ideologia exige e cria um aparelho de inculcação ideológica autoritária estatista. Era proclamada, para um determinado tempo, com objetivos concretos e com uma amplitude globalizante, que permanecia no quotidiano das populações com o intuito de criar um “Homem Novo” do salazarismo⁴⁸.

⁴⁶ Rosas, *Salazar...*, 300-303.

⁴⁷ Rosas, *Salazar ...*, 304.

⁴⁸ Rosas, *Salazar ...*, 318-320.

Como conclusão apresentam-se, nesta obra, algumas características responsáveis pela conservação e duração do regime. Desde o controlo político da força militar; a perspicácia e eficiência dos instrumentos e técnicas da violência preventiva responsáveis pela intimidação, medo e submissão; a repressão que podia ser administrativa, política ou policial; e, por último, a união dos vários sectores da classe dominante, quase que uma espécie de oligarquia que se mantiveram sempre rodeados do Estado Novo, conseguida pela estrutura corporativa⁴⁹.

1.3.4. O Estado Novo - António Costa Pinto/Fernando Rosas

Neste ponto será feita uma abordagem à visão de António Costa Pinto, apresentada no prefácio da obra de Michael Mann e Fernando Rosas no que respeita ao posicionamento do Estado Novo no binómio autoritarismo/totalitarismo. Sempre que necessário remeter-se-á para o pensamento de cada um dos autores, relativamente às propostas apresentadas, que permitam aproximar o regime português de um ou de uma ou outra perspectiva (autoritário ou totalitário)

Seguindo a linha de pensamento explanada no livro de Michael Mann, sobre a natureza fascista e totalitária ou autoritária do Estado Novo são sintetizadas breves conclusões, que complementarão a abordagem feita no ponto, 1.2, deste relatório.

Em primeiro lugar, refere-se que o salazarismo revela aparentemente uma tendência fascizante porque, foi influenciado pelo fascismo italiano, na fase inicial (como outros regimes instituídos na Europa do Sul e de Leste) e nos fundamentos essenciais – o corporativismo, a propaganda, a organização oficial da juventude e das mulheres. Com o evoluir do regime houve uma nova orientação de acordo com as necessidades e intervenientes⁵⁰.

Em segundo lugar, salienta-se que as origens culturais da ditadura salazarista aproximam-se de outras ditaduras (catolicismo e o maurrasianismo dominaram) como o franquismo, a ditadura de Vichy e a de Dolfuss. Pode ainda encontrar origens noutras, se considerarmos a forma de transição para o autoritarismo e os agentes envolvidos - a queda do liberalismo e a ditadura militar, de iniciativa militar com o apoio dos partidos autoritários de direita -, como a Hungria (1919), a Polónia, a Grécia e a Lituânia (1926).

⁴⁹ Rosas, *Salazar...*, 353-355.

⁵⁰ Pinto «Portugal, Michael Mann, o Fascismo Europeu», em *Fascistas*, Michael Mann..., 26.

Em terceiro lugar o Estado Novo só conseguiu ser o mais longo e melhor institucionalizado porque se manteve mais afastado das pressões internacionais. Noutros países com características semelhantes - Polónia, a Lituânia, a Áustria, a Hungria-, os regimes teriam permanecido se não sofressem pressões internacionais⁵¹.

Por último, explicita que todas as ditaduras surgiram na sequência de golpes de Estado tradicionais, intervindo forças conservadoras civis e militares, caracterizando-se por - existência de partido único ou com um dos partidos muito forte, os partidos fascistas ausentes ou coligados. Os movimentos ou elites que criaram estes regimes tiveram influências fascistas, mas ultrapassaram o fascismo (nos princípios, nas instituições e no tipo de ditadura).

Conclui, ainda, que o poder político e a sua forma de funcionamento estão associados aos tipos de crise e às principais figuras responsáveis pela queda das democracias.

Outra abordagem apresentada sobre o posicionamento do Estado Novo no binómio Autoritarismo/Totalitarismo e que, em parte, se distancia da supramencionada é a de Fernando Rosas na sua obra “Salazar e o poder”. Afirma-se que o totalitarismo (segundo aceção dos ideólogos da época dos fascismos) surge como um projeto de fabricação social e ideológica de um “Homem novo”, reeducado ou formado nos valores da nova ordem. Ele faz parte, de todos os regimes fascistas, que são consolidados através da intervenção dos diversos órgãos que de forma autoritária - enquadravam, conduziam e intimidavam ideologicamente a população.

Nesta perspetiva e segundo Fernando Rosas, o Estado Novo reúne uma apetência totalitária, nos anos 30 e 40. Refere-se que ele foi um “projeto” totalitário de reeducação dos espíritos”, de criação de um novo tipo de portugueses e portuguesas, regeneradas com um novo conjunto de ideias de que o regime se considera portador⁵².

Refere-se que o corporativismo, enquanto instrumento de apoio aos regimes autoritários, que funcionou na Europa no início do século XX, altura em que se afirmaram as ditaduras e no pós segunda Guerra Mundial, não teve grande afirmação no regime português. Explica que a análise do corporativismo pode ser feita em duas dimensões diferentes - o corporativismo enquanto discurso ideológico das direitas autoritárias e antiliberais e o corporativismo enquanto realização prática. O corporativismo português como dimensão de prática social e económica do regime de Salazar, não foi apenas uma solução técnica de regulação económica ou uma prática

⁵¹ Pinto «Portugal, Michael Mann, o Fascismo Europeu», em *Fascistas*, Michael Mann..., 22-25.

⁵² Rosas, *Salazar...*, 318-319.

mais ou menos neutra utilizada pelos regimes para atingir os seus fins, mas um instrumento fundamental e que pertencia à natureza dos fascismos e da sua tendência totalitária⁵³.

Entende-se que Salazar, sobre a nação “orgânica” e o corporativismo, a partir de 1933, com alterações da Primeira Grande Guerra, era muito claro quanto à dimensão centralizadora, totalizante e estatista do projeto corporativista que se estava a desenvolver⁵⁴.

Para concluir e na perspectiva de Fernando Rosas, diz-se que as especificidades do regime português advêm das realidades culturais, políticas, sociais, económicas e mentais, de onde ele emergiu. Apesar de ser considerado um fenómeno de natureza história semelhante, torna-se nacionalmente diferente, comparado com as outras propostas de regimes do mesmo género. Pode-se corroborar essa ideia através do projeto regenerador do “novo homem” moldado pelo regime.

Explicita-se que foram criados vários mitos responsáveis pela fundação do Estado Novo. Formado, sob o ponto de vista ideológico e propagandístico a partir de meados dos anos 30, recebeu influências de valores nacionalistas de cariz integralista e católica conservadora, com influências radicais e fascistas da guerra civil espanhola, do fascismo italiano e do hitlerismo europeu.

Consideraram-se relevantes três observações feita pelo autor supramencionado sobre o regime português: o carácter essencialista, a matriz ultraconservadora e as alterações de discurso com o evoluir do regime.

1.3.5. O debate historiográfico sobre o Estado Novo (Luís Reis Torgal, Fernando Rosas, e Rui Ramos)

A análise de Rui Ramos sobre o Estado Novo, na sua obra “História de Portugal” suscitou um debate entre historiadores especialistas desta temática - Luís Reis Torgal, Manuel Loof, Fernando Rosas, António Costa Pinto, entre outros. Na sequência de comunicações (Luís Reis Torgal) e de artigos apresentados no jornal Público, houve algumas reações por parte do autor da obra (Rui Ramos) e dos historiadores supracitados.

⁵³ Rosas, *Salazar...*, 281-282.

⁵⁴ Rosas, *Salazar...*, 258.

Como o trabalho que desenvolvi focalizou-se sobre o Estado Novo, onde expus alguns pontos de análise realizados por historiadores aqui mencionados – António Costa Pinto, Rui Ramos e Fernando Rosas – considera-se relevante apresentar algumas considerações levantadas por alguns destes estudiosos.

Focaliza-se a atenção para dois historiadores portugueses – Luís Reis Torgal e Fernando Rosas -, que se situam numa vertente mais moderada, onde defendem toda esta problematização histórica (acerca dos artigos publicados). Consideram-na saudável e benéfica para a historiografia.

Luís Reis Torgal, historiador que se debruçou sobre o Estado Novo, à parte de toda a discussão (a publicação e mais tarde, a reedição em fascículos) acerca do regime de Salazar, capítulo que consta da obra de Rui Ramos, optou por apresentar algumas considerações sobre o método utilizado pelo historiador.

Em primeiro lugar, alertou para a necessidade da utilização de um discurso mais criterioso por parte do historiador supramencionado - não omitir aspetos importantes nem ser demasiado ideológico, mas, desculpabilizou, em parte, o tipo de discurso utilizado pelo facto de não pertencer ao grupo de historiadores que analisam o Estado Novo. Acrescenta que não teve pretensões de lançar desafios ao leitor. O resultado, no seu entender foi pobre, sob o ponto de vista histórico. Não fez referência ao "totalitarismo" nem fazia grande sentido porque se o regime era semelhante a uma "ditadura moderada", não o podia contemplar. A repressão surgia como se fosse dirigida a um alvo, concebida de forma natural e aceite. Pela sua visão apresentada fez crer aos leitores que havia "pluralidade cultural".

Em segundo lugar, considerou que o autor deu primazia à perspetiva diacrónica e não contemplou a perspetiva sincrónica, onde poderia enriquecer o seu discurso, ao analisar o regime em várias vertentes - "fascismo de movimento", "fascismo de regime", este último, influenciou o Estado Novo. "

Em terceiro lugar, observou que a História não pode ser apenas interpretada por previsões ou factos escolhidos mas deve ser vista também pela análise das estruturas, que podem dar a conhecer pormenores importantes.

Luís Reis Torgal, num dos seus mais interessantes ensaios sobre a natureza política e ideológica do Estado Novo, demonstra que, para quase a totalidade dos ideólogos do regime neste período, o totalitarismo era explicitamente reivindicado como uma sua característica essencial, ainda que para alguns, o estatismo já o incluía (totalitarismo) mas talvez uma pequena imperfeição transitória de um sistema no início da sua construção.

Conclui que Rui Ramos, como historiador, deveria seguir uma linha mais metódica e científica, pautar-se por reflexões profundas que apontassem para análises e conclusões novas. Só assim é que a historiografia tem um crescimento mais consolidado e objetivo.

Fernando Rosas também teceu algumas considerações e seguiu a mesma linha de pensamento de Luís Reis Torgal, afirmando que o autor utiliza um discurso de “senso comum superficial” dirigido a um grande público. Além disso, considerou que deveria ser mais neutro, ideologicamente e focalizar-se de uma forma mais profunda na análise estrutural do Estado Novo.

Reforça a necessidade do uso da objetividade, da clareza dos factos e ter alguma cautela quando se afirma que regimes como o Estado Novo são conservadores moderados.

Conclui afirmando que ao comparar o Salazarismo - um regime repressivo, que contemplava a censura, a proibição e perseguição dos partidos, proibição dos sindicatos livres, do direito à greve e da oposição em geral, da polícia política e da violência arbitrária, da opressão quotidiana dos aparelhos de repressão preventiva e de enquadramento totalizante,- com a I República, um regime mais aberto, com liberdade de expressão e direito à greve, é sem dúvida um grande risco⁵⁵.

⁵⁵ Luís Reis Torgal, «Rui Ramos e o reabrir da polémica sobre a “História de divulgação” do Estado Novo», Público, 20 de setembro, 2012. <http://www.publico.pt/opiniao/jornal>.

Capítulo 2 Exploração da atividade profissional

2.1. Introdução

Considerando que desenvolvi a minha atividade docente em contextos específicos e, independentemente dos constrangimentos que sistematicamente envolvem as temáticas da educação na escola pública, o exercício das minhas funções docentes iniciou-se, partindo de vários pressupostos:

a) Fazer uma análise cuidada do contexto escolar onde vou desenvolver a minha função docente;

b) Diversificar estratégias e metodologias para colmatar as necessidades e interesses dos alunos para que haja uma corresponsabilização na construção do seu processo educativo;

c) Valorizar o método de trabalho, a curiosidade científica e a organização;

d) Planificar as atividades de acordo com os objetivos e metas propostas no Projeto Educativo, Projeto Curricular e Plano Anual de Atividades de cada escola;

e) Participar ativamente em todas as reuniões e outros que desenvolvam a articulação curricular;

f) Realizar reflexões formais ou informais, individuais ou em cooperação com o grupo, sobre as práticas desenvolvidas ou a desenvolver, no sentido de promover o sucesso educativo dos alunos ou formandos;

g) Promover a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa tendo como padrão os documentos orientadores aprovados no departamento curricular ou conselho pedagógico;

h) Participar em ações de formação contínua, promotora de desenvolvimento pessoal e científico na área disciplinar que leciono para me manter atualizada;

Ao longo de todo o meu percurso de docência, empenhei-me no cumprimento de todas as funções que me foram atribuídas, contribuindo para o cumprimento dos objetivos estabelecidos nos documentos das escolas diretivos das atividades das escolas onde exerci funções. Colaborei e dinamizei atividades propostas pelos departamentos e constantes nos Planos Anuais de Atividades. Participei em formação contínua transversal ou na minha área disciplinar. Valorizei uma aprendizagem orientada pelo diálogo e descoberta.

2.2. Descrição da atividade profissional

Realizei o meu estágio pedagógico no 3º ciclo e secundário no ano letivo de 1997/1998, na Escola Secundária dos Arcos de Valdevez. Uma vez que o estágio pedagógico estava incluído na Licenciatura em Ensino de História e Ciências Sociais, tendo sido objeto de uma reflexão particular, não será considerado no presente relatório. Similarmente, apesar de desempenhar funções docentes no primeiro ciclo durante 13 anos, apenas considerarei as atividades docentes desenvolvidas a partir da conclusão da minha licenciatura em História e Ciências Sociais.

As escolas do ensino básico e secundário onde desempenhei atividades docentes foram:

- 1) Escola Básica de Revelhe (Fafe): 2000/2001
- 2) Escola Profissional de Fermil, (Celorico de Basto): 2001/2002
- 3) Escola Básica de Soutelo, (Vila Verde): 2002/2003
- 4) Escola Básica de Boticas: 2003/2004
- 5) Escola Básica de Boticas: 2004/2005
- 6) Escola Básica de Amares: 2005/2006
- 7) Escola Básica de Revelhe, (Fafe): 2006/2007
- 8) Escola Básica de Revelhe, (Fafe): 2007/2008
- 9) Escola Básica Padre Joaquim Flores, Revelhe (Fafe): 2008/2009
- 10) Escola Básica e Secundária de Lijó, (Barcelos): 2009/2010
- 11) Escola Básica e Secundária de Lijó, (Barcelos): 2010/2011
- 12) Escola Básica e Secundária de Lijó, (Barcelos): 2011/2012
- 13) Escola Básica e Secundária de Lijó, (Barcelos): 2012/2013
- 14) Agrupamento de Escolas de Caldas de Vizela: 2013/2014

1. Escola Básica 2,3 de Revelhe (Fafe): 2000/2001

a) Serviço distribuído

- 4 turmas do 7º ano – História
- 3 turmas do 8º ano - História

b) Relação pedagógica com os alunos

Mantive uma relação cordial com os alunos, dentro e fora da sala de aula. Procurei estar atenta às capacidades de cada um, bem como interesses e aptidões, permitindo que todo o

processo de ensino-aprendizagem se desenvolvesse favoravelmente. Foi uma relação pedagógica positiva, uma vez que os alunos corresponderam aos objetivos traçados. Globalmente revelaram-se muito participativos e empenhados, contudo, houve alguns casos nos quais, apesar de todo o esforço colocado na relação pedagógica, procurando sensibiliza-los para a aprendizagem, não foi possível inverter a situação, manifestando-se comportamentos e atitudes pouco adequadas para a sala de aula.

Como professora, além de me preocupar em cumprir os conteúdos programáticos, tentei inculcar e desenvolver valores que tornasse os alunos mais compreensivos, mais solidários e mais cooperantes. Analogamente existiu um cuidado em estimular o seu espírito crítico e criatividade despertando-lhes interesse para a aprendizagem individual, de modo a melhorar a sua a literacia científica.

c) Cumprimento de programas curriculares

Cumpri todo o serviço que me foi distribuído, preocupando-me em ser assídua e pontual, bem como em trabalhar todos os conteúdos programáticos de modo a não comprometer o trabalho dos alunos e assegurar que não existissem atrasos no cumprimento do planificado.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Diretora de Turma do 7ºC.

Senti-me um pouco apreensiva porque não conhecia o cargo, receando não corresponder à responsabilidade que se me impunha. Contudo, o desempenho destas funções revelou-se uma experiência muito enriquecedora e de grande cumplicidade. Foi possível conhecer melhor os problemas e especificidades de cada aluno, o que facilitou a resolução de diferentes questões, assim como algumas dificuldades que surgiram ao longo do ano.

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade educativa

- Visita de estudo com os alunos do 7º ano, turma C, às Ruínas Romanas de Conímbriga e Portugal dos Pequenitos, em Coimbra.

- Pedy Paper com a turma C do 7º ano, por vários locais da freguesia de Revelhe que terminou com um almoço volante junto à barragem de Queimadela, na mesma freguesia.

- Comemoração das datas históricas em contexto de sala de aula.

- Comemoração do dia da Europa.

f) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola.

Procurei, em permanência, cumprir as planificações das diferentes áreas curriculares disciplinares e áreas curriculares não disciplinares, adaptando-as ao ritmo de aprendizagem de cada aluno. Exigi sempre grande preocupação em recolher, sistematicamente, dados relativos aos domínios da aprendizagem: conhecimentos, capacidades, atitudes, destrezas e competências. O cumprimento desses objetivos respeitou sempre os diferentes ritmos de aprendizagem, havendo um grande cuidado em gerir, para otimizar, a participação ativa dos alunos nas tarefas propostas.

Ao longo do desenvolvimento das tarefas letivas foram diagnosticadas algumas dificuldades. Estas respeitavam essencialmente à ausência de pré-requisitos, que dificultavam o ritmo e a exigência do processo de ensino aprendizagem. Similarmente, a inexistência de métodos de estudo e trabalho criaram grandes dificuldades no processo de aquisição de competências básicas. Houve, ainda, outros casos em que devido à falta de acompanhamento familiar, não permitiu que fossem asseguradas as condições mínimas para o estudo e para o sucesso escolar.

Preocupei-me em utilizar diversas estratégias, que considerei mais adequadas a cada situação do processo ensino-aprendizagem. A sua aplicação teve em conta, por um lado, a perspetiva da turma como um todo e, por outro, a atenção ao aluno como indivíduo possuidor de características específicas, nomeadamente cognição, cultura, interesses próprios e origem social.

Neste sentido, foi constante a elaboração de material de apoio com vista a facilitar a apreensão dos conteúdos lecionados. Valorizei, em permanência, o espírito de observação, a iniciativa, a capacidade crítica e a curiosidade, por forma a estimular o processo de aprendizagem.

2. Escola Profissional de Fermil, (Celorico de Basto): 2001/2002

a) Serviço distribuído

- 1 turma do Curso Técnico de Turismo - Área de Integração.

- 1 turma do Curso Técnico de Pequenas e Médias Empresas – Área de Integração.

- 1 turma do Curso Técnico Florestal – Área de Integração.
- 1 turma do Curso Técnico Agrícola – Área de Integração.

b) Relação pedagógica com os alunos

No âmbito das regras de disciplina estas foram estabelecidas, em conjunto com os alunos, desde o início, reforçando-se com frequência a necessidade de as respeitar. Procurei implementar uma relação que assentasse em pressupostos de respeito, confiança e compreensão mútuos. Utilizei uma abordagem pró-ativa e preventiva, que permitisse evitar o surgimento de problemas disciplinares. Cada aluno foi, sempre, tratado de acordo com a sua individualidade, respeitando-se a sua afetividade, os seus valores e as suas limitações. Criei, em face das dificuldades apresentadas pelo aluno, situações que lhe permitissem desenvolver a confiança em si próprio, recorrendo ao reforço positivo, elogiando ou valorizando sempre que tal estratégia se mostrou conveniente.

Além de fomentar o desenvolvimento de competências científicas, procurei também promover atitudes e valores, que contribuíssem para a formação de uma identidade conducente à formação de um cidadão consciente e interveniente na sociedade em que se insere. Para isso, procurei proporcionar situações, dentro e fora da sala de aula, que permitissem a partilha de informação, opiniões, ideias e vivências pessoais, com vista ao desenvolvimento de um espírito crítico e de atitudes de relacionamento com os outros, como a tolerância, a sociabilidade, a cooperação, a responsabilidade e a solidariedade.

c) Cumprimento de programas curriculares

No trabalho com este tipo de cursos impõe-se que sejam cumpridos todos os programas porque é exigido aos alunos um determinado número de horas de formação, nas diferentes disciplinas. Deste modo foram cumpridos todos os cronogramas e planificações elaboradas.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Secretária da turma do curso Técnico de Pequenas e Médias Empresas.
- Orientadora de Estágio de um grupo de alunos do Curso Técnico de Turismo.

Tentei cumprir, com empenho, os cargos que me foram atribuídos. Foi um desafio novo, orientar o estágio de dois alunos, tendo-me esforçado por fazer o meu melhor. O desempenho destas funções implicou acompanhá-los no seu local de estágio, bem como

orientá-los na estrutura e realização do relatório final das suas práticas. Foram experiências que trouxeram alguns desafios e riscos, mas que, de forma global, ultrapassei com empenho e dedicação.

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade educativa

- Visita de estudo com os alunos de Técnico de Turismo, a uma parte da serra do Alvão e às “ Fiskas do Ermelo”.

- Fui orientadora de estágio de dois alunos do curso de Técnico de Turismo e participei no júri de avaliação da PAP (Prova de Aptidão Profissional).

f) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola

Procurei cumprir os cronogramas e planificações dos diferentes módulos das disciplinas, adaptando ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, através de fichas formativas e guiões orientadores. Para os alunos com fraca assiduidade, apliquei planos de recuperação das aprendizagens. De forma sistemática e contínua, recolhi dados relativos aos domínios da aprendizagem. Preocupe-me, sempre, em respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem.

Apesar de ter diagnosticado algumas dificuldades, sobretudo ao nível de ausência de pré-requisitos, utilizei diversas estratégias, que considerei mais adequadas a cada situação do processo ensino-aprendizagem.

Elaborei, sempre que necessário, material de apoio com vista a facilitar a apreensão dos temas explorados. Além disso valorizei o espírito de observação, a iniciativa, a capacidade crítica e a curiosidade.

3. Escola Básica1, Soutelo, (Vila Verde): 2002/2003

a) Serviço distribuído

- 1 turma de 4ºano de escolaridade.

b) Relação pedagógica com os alunos

Preocupei-me em dar a conhecer as regras de disciplina e reforçar a necessidade de as cumprir, com base nos pressupostos de respeito, confiança e compreensão. Recorri, com frequência, ao reforço positivo, para que se valorizasse a confiança, utilizando o elogio, sempre que tal se demonstrou oportuno. Além de fomentar o desenvolvimento de competências científicas, procurei similarmente promover atitudes e valores, que contribuíssem para a formação de cidadãos conscientes e interveniente na sociedade em que se inserem.

Como docente titular de uma turma do 4º ano preocupei-me em conhecer todos os elementos da turma, em estabelecer contactos com os Encarregados de Educação, em cumprir o calendário das reuniões, tentando dar o meu contributo para o funcionamento das várias estruturas. Particpei nas discussões inerentes às práticas letivas, bem como nas planificações e concretização de atividades. Informe-me, partilhei os conhecimentos que detinham dos alunos e colaborei na definição de estratégias para ajudar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades.

c) Cumprimento de programas curriculares.

Tive sempre a preocupação em cumprir todo o serviço que me foi atribuído e, preocupei-me em ser assídua e pontual. Tentei incutir um ritmo de trabalho por forma a explorar os conteúdos e, ao mesmo tempo, preocupando-me que os alunos assimilassem os mesmos, sem que compromettesse o cumprimento do planificado.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Titular de uma turma do 4º ano

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade educativa.

- Participação no magusto – dia de S. Martinho.
- Participação na festa de Natal.
- Realização de um desfile de Carnaval.
- Realização de trabalhos sobre as estações do ano e dias festivos.
- Visita à Festa das Colheitas de Vila Verde.

f) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola

Preparei todas as minhas aulas com base nas planificações e na evolução das aprendizagens dos alunos, respeitando os seus ritmos de trabalho. Apliquei os critérios de avaliação e efetuei vários momentos de avaliação formativa e sumativa. Preocupe-me em implementar estratégias de acordo com as dificuldades detetadas, utilizando vários instrumentos de avaliação. Fomentei um clima de diálogo, de respeito e de cooperação e disponibilizando-me para esclarecer dúvidas, dentro e fora da sala de aula. Para os alunos com mais dificuldades, apliquei fichas de trabalho e testes de avaliação adaptados.

4) Escola Básica 2, 3 de Boticas: 2003/2004

5) Escola Básica 2,3 de Boticas: 2004/2005

Desempenhei funções durante dois anos consecutivos na Escola Básica 2, 3 de Boticas. Será feita a descrição conjunta da minha atividade profissional.

a) Serviço distribuído

Ano 1:

- 3 turmas do 7º ano – História
- 3 turmas do 9º ano – História
- 1 turma do 7º ano - Área de Projeto

Ano 2:

- 1 turma do 6º ano – História e Geografia de Portugal e Área de Projeto
- 3 turmas do 7º ano – História
- 3 turmas do 8º ano – História

b) Relação pedagógica com os alunos

Tive sempre a preocupação de dar a conhecer e reforçar a necessidade de fazer cumprir boas regras de trabalho e disciplina. Coloquei como primordial a criação de uma relação que assentasse em pressupostos de respeito, confiança e compreensão mútuos. Tentei atuar preventivamente, evitando que surgissem problemas disciplinares. Preocupe-me em respeitar a individualidade e a afetividade de cada aluno.

Em relação às dificuldades apresentadas pelos alunos, criei situações que lhes permitissem desenvolver a sua autoestima, recorrendo ao reforço positivo, e, sempre que possível, elogiando.

Apesar de ter lecionado a alunos do segundo ciclo, consegui facilmente adaptar-me e estabeleci uma relação muito positiva. Procurei promover atitudes e valores, os quais contribuíssem para a formação de uma identidade conducente à formação de um cidadão consciente e interveniente na sociedade em que se insere, além de fomentar o desenvolvimento de competências científicas.

Dentro e fora da sala de aula procurei proporcionar momentos que promovessem a partilhas de informação, opiniões, ideias e vivências pessoais visando o desenvolvimento de um espírito crítico. Analogamente estimularam-se as atitudes que potenciam o bom relacionamento com os outros, nomeadamente valorizando a tolerância, a sociabilidade, a cooperação, a responsabilidade e a solidariedade.

Todos os alunos se sentiram num ambiente cooperativo, sendo capazes de expor as suas dúvidas, quer as relacionadas com os conteúdos programáticos, quer mesmo as de ordem pessoal. Sentiu-se que brotou uma cumplicidade harmoniosa entre a docente e os alunos.

c) Cumprimento de programas curriculares

Foi uma das grandes preocupações, no meu percurso de docente, cumprir todo o serviço que me fosse atribuído. Para tal preocupei-me em ser assídua e pontual e mostrei-me disponível para esclarecer qualquer dúvida aos alunos, de forma a poder rentabilizar melhor as aulas e poder assegurar que não houvesse atrasos no cumprimento do planificado.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Diretora de turma do 7ºano turma C
- Coordenadora de diretores de turma

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade educativa.

- Visita de estudo a Chaves, às termas, com uma turma do 7º ano, turma C.
- Visita à Feira do Fumeiro de Boticas.

f) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola.

Concluídos estes dois anos da minha atividade docente, senti que houve um crescimento e enriquecimento. O desempenho do cargo de direção de turma torna-nos mais próximos dos alunos, permitindo compreendê-los melhor, o que estimula a criação um ambiente onde a

tolerância é mais visível, sem com isso nos desligarmos da exigência que faz parte do dia-a-dia de qualquer profissional. As visitas de estudo também concorreram para o fortalecimento da relação entre o professor e aluno, permitindo analogamente consolidar o conhecimento, conciliando a teoria com a prática.

A coordenação de diretores de turma foi um desafio novo que tive de enfrentar. Apesar dos receios, não me senti intimidada. Abracei este projeto com muito empenho e tive todo o apoio dos meus colegas, através da partilha e da cumplicidade. Cuidei sempre de transmitir todas as informações necessárias, de modo que o trabalho das direções de turma não ficasse comprometido.

Além disso, preparei todas as minhas aulas com base nas planificações e na evolução das aprendizagens dos alunos, respeitando os seus ritmos. Dei a conhecer e apliquei os critérios gerais e específicos de avaliação relativos à disciplina. Efetuei a avaliação formativa e a sumativa, implementei estratégias de acordo com as dificuldades detetadas e utilizei vários instrumentos.

6) Escola Básica 2,3 de Amares: 2005/2006

a) Serviço distribuído

- 3 turmas do 7º ano – História
- 2 turmas do 8º ano – História
- 3 turmas do 9º ano – História

b) Relação pedagógica com os alunos

Fomentei uma relação de respeito e cordialidade em contexto de sala de aula, assim como em outros espaços. Tentei criar um clima de cumplicidade que fosse favorável à aprendizagem, no qual houvesse abertura para o diálogo, para a discussão e esclarecimento de dúvidas. Proporcionei e estimulei o trabalho participativo e responsável por parte dos alunos.

c) Cumprimento de programas curriculares

Tive a preocupação em cumprir todo o serviço que me foi distribuído. Primei pela assiduidade e pontualidade, de forma a assegurar que não houvesse atrasos no cumprimento do planificado.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Diretora de Turma do 7º B.

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito das atividades educativas

- O dia do departamento.

e) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola

Como diretora de turma considero que tive uma experiência enriquecedora mas simultaneamente desafiadora. O grupo/turma era muito heterogéneo, onde se inseriam alunos com comportamentos desajustados à sala de aula, a que se associavam inúmeras dificuldades de aprendizagem. Houve necessidade de manter contactos frequentes com os Encarregados de Educação, reuniões extraordinárias com o Conselho de Turma e Encarregados de Educação, bem como ações de sensibilização que, gentilmente, foram realizadas em cooperação com uma docente de Ciências Naturais. Foi um trabalho árduo que me tornou mais forte e, ao mesmo tempo forneceu-me instrumentos passíveis de serem utilizados em futuras situações.

A necessidade de encontrar soluções favoreceu a partilha e a cumplicidade que mantive quer com o meu grupo, quer com outros elementos extra grupo. Isto fez-me crescer quer a nível de metodologias, quer a nível científico, tornando-me mais exigente nas minhas práticas docentes. Além disso, preparei todas as minhas aulas com base nas planificações e na evolução das aprendizagens dos alunos e respeitei os seus ritmos. Dei a conhecer e apliquei os critérios gerais e específicos de avaliação relativos à disciplina. Efetuei a avaliação formativa e a sumativa e implementei estratégias de acordo com as dificuldades detetadas. Utilizei vários instrumentos de avaliação. Procedi à realização da auto e heteroavaliação. Fomentei um clima de diálogo, de respeito e de cooperação. Disponibilizei-me para esclarecer dúvidas dentro e fora da sala de aula. Para os alunos com mais dificuldades, apliquei fichas de trabalho e testes de avaliação adaptados. Colaborei com a equipa dos apoios educativos e respeitei o cumprimento do PEI do aluno.

7) Escola Básica 2, 3 de Revelhe, (Fafe): 2006/2007

8) Escola Básica 2,3 de Revelhe, (Fafe): 2007/2008

9) Agrupamento de Escolas Padre Joaquim Flores (Fafe): 2008/2009

Durante estes três anos consecutivos desempenhei funções na Escola Básica 2, 3 de Revelhe, assumindo o nome de Agrupamento de Escolas Padre Joaquim Flores, no ano letivo de 2008/2009. A descrição da atividade profissional será feita em conjunto.

a) Serviço distribuído

Ano1:

- 3 turmas do 8º ano – História
- 4 turmas do 9º ano - História.

Ano 2:

- 2 turmas do 7º ano – História
- 2 turmas do 8º ano – História
- 3 turmas do 9º ano – História

Ano 3:

- 3 turmas do 7º ano – História
- 2 turmas do 8º ano – História
- 2 turmas do 9º ano – História

b) Relação pedagógica com os alunos

Procurei dar a conhecer as regras de disciplina desde o início e reforcei, com frequência, a necessidade de as respeitar. Tentei sempre estabelecer uma relação que assentasse em pressupostos de respeito, confiança e compreensão mútuos. Utilizei uma abordagem pró-ativa e preventiva para evitar que surgissem problemas disciplinares. Tratei sempre cada aluno com individualidade, respeitando a sua afetividade, os seus valores e as suas limitações. Criei, em relação às dificuldades apresentadas pelo aluno, situações que lhe permitiam desenvolver a confiança em si próprio, recorrendo ao reforço positivo, elogiando ou valorizando sempre que conveniente.

Além de fomentar o desenvolvimento de competências científicas, procurei também promover atitudes e valores, que contribuíssem para a formação de uma identidade conducente à formação de um cidadão consciente e interveniente na sociedade em que se insere. Para isso, procurei proporcionar situações, dentro e fora da sala de aula, que permitissem a partilha de

informação, opiniões, ideias e vivências pessoais, com vista ao desenvolvimento de um espírito crítico e de atitudes de relacionamento com os outros.

c) Cumprimento de programas curriculares

Tive sempre a preocupação de cumprir todo o serviço que me foi distribuído e nunca mencionei matéria não lecionada, entre outras razões, porque sempre me preocupei em ser assídua e pontual, permitindo-me assegurar que não houvesse atrasos no cumprimento do planificado.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Diretora de turma do 7º C
- Secretária do Conselho de Turma do 9º A

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito das atividades educativas

- Participação numa palestra dinamizada por Otelso Saraiva de Carvalho, no âmbito do Parlamento Jovem
- Participação no Parlamento Jovem
- Atividade “A História vista pelos alunos”
- Comemoração do dia da Europa
- Comemorações das datas históricas
- Visita à barragem de Queimadela (Revelhe)
- *Peddy Paper* pelos trilhos de Revelhe

f) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola

Particpei, sempre que foi solicitado, nas atividades que se inseriam no Plano Anual de Atividades, da Escola/Agrupamento. Em relação às responsáveis pelo nosso departamento, dinamizei, juntamente com os restantes elementos do mesmo, uma atividade intitulada “Semana da Europa”. Houve ainda outra, dinamizada pelo grupo de História do 3º ciclo, com a designação “A História vista pelos alunos”. Além disso foram comemoradas as principais datas históricas, em contexto de sala de aula. Ainda orientei, juntamente com o meu colega do mesmo ciclo, uma atividade anual, promovida pela autarquia, designada “Parlamento Jovem”. Preocupe-me em adaptar-me às realidades dos alunos e em tomar como alicerces o princípio da reciprocidade e da

responsabilidade, o cumprimento de regras e o respeito pela diferença. Além disso, estiveram sempre presentes o cumprimento do exercício de cidadania, a liberdade por questionar, esclarecer e crescer como indivíduos. Criei um clima de grande cumplicidade, de cooperação e abertura ao diálogo. Individualizei tarefas de acordo com as potencialidades de cada aluno, valorizei o seu conhecimento tácito e a troca de saberes e experiências.

Proporcionei um ambiente favorável à aprendizagem, ao crescimento afetivo e emocional dos alunos.

Em suma, a experiência adquirida nestes três anos fizeram-me crescer como docente e como pessoa.

10) Escola Básica 2, 3 e Secundária de Lijó, (Barcelos): 2009/2010

11) Escola Básica 2,3 e Secundária de Lijó, (Barcelos): 2010/2011

12) Agrupamento de Escolas de Vale do Tamel (Barcelos): 2011/2012

13) Agrupamento de Escolas de Vale do Tamel (Barcelos): 2012/2013

Desempenhei quatro anos consecutivos de trabalho docente na mesma escola (no ano letivo 2011/2012 passou a designar-se Agrupamento de Escolas de Vale do Tamel). A descrição da atividade profissional será feita em conjunto.

a) Serviço distribuído

Ano 1:

- 5 turmas do 8º ano – História
- 1 turma do 8º ano – Área de Projeto
- 1 turma de 8º ano – Formação Cívica

Ano 2:

- 5 turmas do 9º ano – História
- 1 turma do 9º ano – Área de Projeto
- 1 turma do 9º ano – Formação Cívica

Ano 3:

- 1 turma de 7º ano – História
- 2 turmas do 8º ano - História
- 4 turmas de 9º ano - História

Ano 4:

- 4 turmas de 7º ano – História

- 2 turmas de 9º ano - História
- 1 turma de 11º Curso Técnico de Comércio - Área de Integração
- 1 turma de 12º Curso Técnico de Energias Renováveis – Área de Integração

b) Relação pedagógica com os alunos

A relação pedagógica com os alunos foi baseada no respeito mútuo, no espírito de ajuda. Revelei equilíbrio no exercício da autoridade, promovendo estratégias de participação organizada e atuando de forma preventiva relativamente às questões de disciplina. Promovi estratégias de autorregulação das atitudes, sempre que necessário.

Criei, em relação às dificuldades apresentadas pelos alunos, situações que lhe permitiram desenvolver a confiança em si próprio, recorrendo ao reforço positivo, elogiando ou valorizando sempre que conveniente.

Além de fomentar o desenvolvimento de competências científicas, procurei também promover atitudes e valores, que contribuíssem para a formação de uma identidade conducente à formação de um cidadão consciente e interveniente na sociedade em que se insere.

c) Cumprimento de programas curriculares

Cumprir todo o serviço que me foi distribuído, preocupando-me em ser assídua e pontual e mostrei-me disponível para permutar com os colegas, de forma a assegurar que não houvesse atrasos no cumprimento do planificado.

Como trabalhei com cursos profissionais e cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), impõe-se que sejam cumpridos todos os programas, uma vez que os alunos têm que fazer as suas horas de formação nas diferentes disciplinas. Deste modo foram cumpridos todos os cronogramas e planificações elaboradas.

d) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Diretora de turma do 8º D
- Mediadora de uma turma EFA – ensino secundário noturno
- Diretora de turma do 9ºD
- Secretária do Conselho de Turma do 7ºA

e) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade educativa

- Jornadas Pedagógicas no âmbito do dia do Agrupamento (Ano 1, Ano 2, Ano 3, Ano 4)
- Exposição de trabalhos realizados pelos alunos no âmbito do Departamento
- Exposição, “O Mundo, o tempo e o conhecimento I” (Ano 2)
- Exposição, “O Mundo, o tempo e o conhecimento II” (Ano 3)
- Exposição, “O Mundo, o tempo e o conhecimento III” (Ano 4)
- Visita de estudo à Serra do Gerês (Ano 3 com o 9º ano)
- Visita de Estudo ao Parque radical de Perelhal – Barcelos (Alunos do 11ºC e 12 B)
- Visita de Estudo a Ponte de Lima (Parque de desportos náuticos e aventura)
- Visita de Estudo ao Porto Barroco e Parque biológico de Gaia
- Visita de estudo a Melgaço- Museu “Espaço, memória e fronteira”
- Visita de estudo a Guimarães em articulação com a disciplina de Geografia (7º ano)
- “Ler pela História” em parceria com a biblioteca (7º e 9º anos)
- O filme do mês- em parceria com a biblioteca (9º ano, 11º C e 12ºB)

f) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola

Ao longo destes quatro anos tive experiências diversificadas, umas mais que exigiram maiores desafios, por serem completamente novas, outras, apesar de já ter desempenhado semelhantes, exigiram, igualmente dedicação e empenho. Contudo, no seu conjunto, foram extremamente enriquecedoras. A partilha que mantive com o meu departamento, com o meu grupo e outros elementos extra grupo, fez-me crescer, quer a nível de metodologias, quer a nível científico. Todas elas contribuíram para que evoluísse e me tornasse mais exigente nas minhas práticas docentes.

O intercâmbio estabelecido entre as várias turmas e docentes revelou-se positivo para os resultados dos alunos. A boa relação que se manteve foi também determinante na melhoria da autoestima e da confiança dos alunos na superação das suas dificuldades.

Ao longo destes quatro anos além de trabalhar com cursos profissionais e o percurso regular, que, já por si, exigem grandes desafios diariamente, conheci o trabalho com os EFA, cursos de Educação e Formação de Adultos. Sendo frequentados por alunos com outras faixas

etárias e com diferentes motivações exigiram de mim ainda maior dedicação e compreensão na execução das tarefas.

Preparei todas as minhas aulas com base nas planificações e na evolução das aprendizagens dos alunos, respeitando os seus ritmos. Dei a conhecer e apliquei os critérios gerais e específicos de avaliação relativos à disciplina. Efetuei a avaliação formativa e a sumativa e, implementei estratégias de acordo com as dificuldades detetadas. Utilizei vários instrumentos de avaliação. Procedi à realização da auto e heteroavaliação. Fomentei um clima de diálogo, de respeito e de cooperação. Disponibilizei-me para esclarecer dúvidas dentro e fora da sala de aula. Para os alunos com mais dificuldades, apliquei fichas de trabalho e testes de avaliação adaptados e para os alunos com N E E, procedi de acordo com o previsto nos respetivos PEI e colaborei sempre que necessário.

14) Escola Básica 2, 3 de Vizela e Escola Secundária de Vizela: 2013/2014

a) Serviço distribuído

- 1 turma de 7º ano – História
- 2 turmas de 8º ano – História
- 1 turma de Ensino vocacional de 9º ano – História
- 1 turma de 11º ano Técnico de Marketing e Comunicação – História da Cultura e das

Artes

- Apoio ao estudo a três turmas – uma de 5º e duas de 6º ano
- Apoio na Biblioteca Escolar.

b) Relação Pedagógica com os alunos

No âmbito das regras de disciplina, procurei dar a conhecer as regras, desde o início e reforcei com frequência a necessidade de as respeitar. Estabeleci em permanência uma relação que assentasse em pressupostos de respeito, confiança e compreensão mútuos. Utilizei uma abordagem pró-ativa e preventiva para evitar que surgissem problemas disciplinares. Tratei sempre cada aluno com individualidade, respeitando a sua afetividade, os seus valores e as suas limitações. Criei, em relação às dificuldades apresentadas pelo aluno, situações que lhe permitiam desenvolver a confiança em si próprio, recorrendo ao reforço positivo, elogiando ou valorizando sempre que conveniente.

Além de fomentar o desenvolvimento de competências científicas, procurei, similarmemente, estimular atitudes e valores que contribuíssem para a formação de uma identidade conducente à formação de um cidadão consciente e interveniente na sociedade em que se insere. Para isso, procurei proporcionar situações, dentro e fora da sala de aula, que permitissem a partilha de informação, opiniões, ideias e vivências pessoais, com vista ao desenvolvimento de um espírito crítico e de atitudes de relacionamento com os outros, como a tolerância, a sociabilidade, a cooperação, a responsabilidade e a solidariedade.

b) Cumprimento de programas curriculares

Cumpri todo o serviço que me foi distribuído, preocupei-me em ser assídua e pontual e mostrei-me disponível para permutar com os colegas, de forma a assegurar que não houvesse atrasos no cumprimento do planificado. Como trabalhei com cursos profissionais impõe-se o cumprimento dos cronogramas, visto que os alunos têm de ter essas horas de formação.

c) Desempenho de cargos diretivos e pedagógicos

- Secretária do 8ºA

d) Projetos e atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade educativa

- “Liga-te à poesia” – recolha de poemas e quadras (5º e 6º ano)
- "Ciclo de Conferências- dia da felicidade" palestra (alunos do 8º ano)
- Palestra intitulada “A comunicação e a rádio” (11º Técnico de Comunicação e Marketing)
- "Peddy paper" (Todos os alunos)
- Preparação de artigos para o Jornal Escolar

e) Reflexão sobre a prática pedagógica nesta escola

A Escola Básica^{2,3} de Vizela estava numa fase de requalificação quando iniciei as minhas atividades letivas, o que obrigou a trabalhar, muitas vezes, sem as condições físicas necessárias à prática docente. Contudo, com o contributo de todos, desde a direção, os professores, os auxiliares e os alunos, conseguiram transpor-se as dificuldades e trabalhar para o sucesso educativo dos alunos. Colaborei com os meus pares na recolha de materiais, na planificação e dinamização de atividades.

Preparei todas as minhas aulas com base nas planificações e na evolução das aprendizagens dos alunos, respeitando os seus ritmos. Dei a conhecer e apliquei os critérios gerais e específicos de avaliação relativos à disciplina. Efetuei os vários tipos de avaliação e implementei estratégias de acordo com as dificuldades detetadas. Fomentei um clima de diálogo, de respeito e de cooperação. Disponibilizei-me para esclarecer dúvidas e para os alunos com mais dificuldades, apliquei fichas de trabalho e testes de avaliação adaptados, além de colaborar com os professores do Ensino Especial na aplicação do que estava previsto nos respetivos PEI para os alunos com NEE.

Preocupe-me em cumprir o calendário das reuniões de Departamento e de Conselhos de Turma e tentei dar o meu contributo para o funcionamento das várias estruturas. Ao nível do Departamento/Grupo, participei nas discussões inerentes às práticas letivas. Nos Conselhos de Turma, informei-me, partilhei informações dos alunos e colaborei na definição de estratégias para os ajudar a ultrapassar as suas dificuldades. Na Biblioteca mostrei-me disponível na colaboração de preparação de material didático, no apoio aos alunos e outras tarefas solicitadas.

2.3. Exploração do projeto “A História vista pelos alunos”

2.3.1. Contextualização do projeto

No ano letivo de 2008/2009, em conjunto com outro colega de grupo, foi desenvolvido um projeto com as turmas do 9º ano, na disciplina de História e noutros tempos disponíveis dos alunos, intitulado “A História vista pelos alunos”.

Com o referido projeto pretendia-se dar a conhecer, à comunidade envolvente, algumas especificidades de conteúdos lecionados durante o terceiro ciclo.

Esta atividade foi preparada durante cerca de dois meses, para permitir que o seu resultado fosse apresentado em Maio desse mesmo ano letivo.

2.3.2. Caracterização do projeto

O projeto, intitulado “A História vista pelos alunos” foi uma atividade do Grupo de História, levada a cabo por mim e o colega docente, João Pereira. Esta atividade fazia parte do Plano Anual de Atividades da Escola E.B.I. /J.I. Padre Joaquim Flores, para o ano letivo de 2008/2009. Visava complementar alguns dos conteúdos lecionados ao longo do 3º ciclo nesta área disciplinar, tendo como principais objetivos:

- Desenvolver atitudes de responsabilização pessoal e social dos alunos na construção dos seus projetos de vida, visando a formação de cidadãos participativos e responsáveis.
- Desenvolver o trabalho em equipa e cooperativo, essencial para uma sociedade moderna.
- Fomentar, na comunidade, o interesse e reflexão pela História e a sua evolução ao longo dos tempos.

A apresentação pública do projeto foi realizada através de um conjunto de pequenas representações teatrais, com um amplo leque cronológico, começando na Pré-história até tempos mais coevos, nomeadamente, o 25 de abril de 1974. Essa atividade contou com a participação ativa dos alunos, os quais, envergando vestuário o mais aproximado possível do contexto da época, retratavam esses períodos históricos. Foram selecionados grupos de alunos interessados em participar em todas as turmas do 9º ano, (A, B, C, D, E), totalizando aproximadamente 70 estudantes.

A concretização deste projeto implicou várias atividades prévias de preparação, desde o pedido de verbas para a sua consecução, aos múltiplos ensaios necessários à concretização da representação, entre outros aspetos igualmente fulcrais para o sucesso da atividade.

Numa primeira fase, depois de escolhido o tema a retratar em cada peça teatral, procedeu-se à formação de grupos de trabalho, os quais foram recrutados em todas as turmas do 9º ano.

Seguiu-se, na fase seguinte, a pesquisa e seleção de imagens a utilizar, recolhida em múltiplos suportes, tais como bibliografia de referência para a época em análise, fontes disponíveis online, bem como outros registos através dos quais fosse possível retirar dados de contextualização/caracterização da época em análise. Este processo de investigação em torno do período cronológico a retratar foi fundamental, não só para que a atividade pudesse ser

operacionalizada, mas também para estimular os alunos a realizarem investigação e aprendizagem de forma autónoma, ainda que fosse necessário, como se sabe, orientar as diferentes etapas desse processo. Similarmente foram, mais tarde, selecionados sons e músicas adequadas a cada período histórico de forma a proceder à gravação de um pequeno filme, o qual serviu como guião orientador para os alunos.

A fase de preparação do projeto finalizou com a planificação das atividades a desenvolver, a marcação de ensaios e a calendarização do espetáculo final, que culminaria com a apresentação pública do espetáculo teatral que se realizou.

2.3.3. Reflexão final

O desenvolvimento deste projeto despertou, desde início, muita curiosidade e interesse, quer por parte dos alunos, quer pela própria comunidade escolar envolvente. Dada a sua boa receptividade, tornou-se mais fácil empreender este trabalho, uma vez que potenciou a mobilização da comunidade à participação.

Assim, depois de dois meses de intensa preparação, o espetáculo intitulado “A História vista pelos alunos”, foi levado à cena, no dia vinte de maio, entre as 14.30 e as 16.45. Nele participaram aproximadamente 70 alunos do 9º Ano – Turmas A, B, C, D, F.

Contou com a colaboração da Direção da escola e de professores de outras áreas disciplinares. Estes facultaram alguns objetos necessários à concretização do projeto, filmaram o evento, efetuaram um ensaio de uma das canções a incluir no repertório (“Grândola Vila Morena”) com os alunos. Fundamental foi, igualmente, o envolvimento dos Encarregados de Educação dos alunos, que manufaturaram muitos dos trajes vistos em palco, bem como de alguns funcionários que instalaram e operacionalizaram o sistema de som.

No que concerne ao espetáculo propriamente dito, este decorreu no auditório do Centro Educativo, perante uma assistência formada por muitos alunos e alguns professores, que lotaram o espaço. Pretendeu, como referimos atrás, recriar alguns momentos cronológico. A representação foi-se sucedendo a bom ritmo, desde a Pré-História ao 25 de Abril.

Foi um projeto de alguma envergadura, que exigiu, como seria expectável, muita tenacidade, causando muitas angústias e ansiedade a todos os que nele se envolveram. O entusiasmo de todos os participantes foi, contudo, evidente, tendo resultado na mobilização conjunta da

comunidade escolar, o que se constituiu como uma excelente compensação pelo trabalho desenvolvido.

Capítulo 3 – Ações de formação

3.1. Ações realizadas

- A Educação Sexual em Meio Escolar
- A Insegurança que temos e a segurança que merecemos
- A Plataforma Moodle: um recurso a explorar
- A Utilização das TIC nos Processos de Ensino Aprendizagem
- Abrindo Caminhos para a Educação Histórica: A aula oficina
- Contributos para a prática pedagógica diferenciada
- Da criação à partilha: a biblioteca hoje
- Desenvolvimento de competências em Excel
- Educação Sexual e reprodutiva
- Educação Sexual na escola: preparar a mudança
- Encontro de mediadores EFA de nível Secundário
- Encontros Porto Editora
- Ensino da História: A Aula-oficina
- Gestão da Disciplina em Contexto Escolar e Prevenção de Situações de *Bullying*
- Informática para Utilizadores – Nível I
- Modos de utilização do manual escolar nas práticas pedagógicas e a sua articulação nos

programas vigentes

- O ensino-aprendizagem da História na era da globalização
- O Excel como ferramenta de trabalho do professor
- Oficina de História, Produção de Materiais Didáticos
- Oficina de formação- Defesa do Património Cultural
- Oficina Pedagógica: Cursos EFA – Nível Secundário
- Otimização do tempo em contexto educativo: Utilização de Recursos Digitais na

disciplina de História

- Projeto Curricular de Turma.
- Quadros Interativos - ActiveBoard

- Quadros Interativos Multimédia no Ensino/Aprendizagem das Humanidades e Ciências

Sociais

- Quotidianos Educativos e Experiências de (In) Disciplina
- Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Básica

3.2. Contributo das ações para o desempenho profissional

Ao longo destes anos letivos, participei em várias ações de Formação promovidas por Centros de Formação ou por outras entidades com os mesmos objetivos. Sempre me preocupei em manter-me atualizada nos meus conhecimentos científicos e pedagógicos. Além disso, essas formações tornam-se espaços onde a troca de experiências, com os meus pares, me permitem enriquecer como docente e crescer como pessoa. O conhecimento de novas metodologias permite-me tornar mais dinâmicas, interessantes e participativas algumas das minhas aulas. Proporcionaram também uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e sobre a importância de nos mantermos atualizados e adquirir ferramentas capazes de influenciar de forma positiva o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Desenvolve-se o trabalho colaborativo, sendo um espaço propício à elaboração materiais pedagógicos que se tornaram muito úteis na minha atividade docente.

Para além disso, participei em sessões de apresentação de manuais escolares de algumas editoras, que foram dinamizadas pelas respetivas autoras. Estas sessões permitiram-me conhecer as metodologias adotadas por cada manual escolar, bem como o conjunto de recursos interessantes e inovadores que estes apresentam e que, se têm revelado bastante úteis na minha atividade docente.

Todos os certificados das formações realizadas encontram-se em anexo.

Capítulo 4 – Considerações finais

O presente documento permitiu-me refletir sobre a minha atitude perante toda a prática pedagógica que desenvolvi ao longo da minha carreira como docente, mais concretamente, a minha prática docente nas escolas onde exerci.

O meu compromisso prende-se com o sucesso de todos os alunos ou formandos com quem trabalhei e trabalharei futuramente. Sempre me preocupei com as especificidades de cada um deles bem como respeitei as comunidades educativas onde exerci a minha atividade e continuará a ser essa uma das minhas prioridades. Considero que fiz tudo o que estava ao meu alcance para que os alunos atingissem o sucesso educativo, de acordo com as suas potencialidades. Preocupe-me em promover uma relação pedagógica pautada pelo respeito mútuo, pela integridade e pela partilha de experiências. Ao longo destes anos, sempre refleti sobre as minhas práticas docentes com o objetivo de poder melhorar e crescer como profissional e pessoa.

O tema escolhido para este relatório – O Estado Novo- surgiu na sequência das minhas reflexões sobre a prática pedagógica. Considerei que seria a altura certa para aprofundar alguns dos conteúdos que fazem parte do programa oficial do terceiro ciclo e secundário, bem como diversificar as formas de abordagem desses mesmos conteúdos.

Durante a leção das temáticas relacionadas com o Estado Novo, verifiquei que os alunos revelam alguma curiosidade, mas apresentam um conhecimento tácito por vezes muito distorcido da própria realidade. Cabe ao professor a tarefa de clarificar e ajudá-los a consolidar o seu conhecimento sempre assente em pressupostos mais válidos e mais atuais. Saliente-se que “a imagem que fazemos dos outros povos e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinam [...] que nos marca para o resto da vida.”⁵⁶ É por isso fundamental promover reflexões em torno de temas específicos da historiografia, de modo a desenvolver uma consciência histórica mais consolidada, nos alunos, mas também práticas didáticas que tenham em conta essas especificidades.

Este relatório permitiu-me fazer uma avaliação da minha atividade docente e tomar consciência de que posso enriquecer e melhorar a minha prática docente, aplicando ferramentas que permitam contribuir para o sucesso dos alunos.

⁵⁶ Marc Ferro, *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação* (São Paulo: Ibrasa, 1983)

Bibliografia

Lista das referências bibliográficas

Alípio, Elsa Santos. *Salazar e a Europa. História da adesão à EFTA (1956-1960)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

Antunes, José Freire. *Nixon e Caetano. Promessas e Abandono*. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.

Baklanoff, Eric. «The political economy of Portugal's later Estado Novo: a critique of the stagnation thesis». *Luso-Brazilian Review*, 29, (1992): 1-17.

Barreira, Aníbal, e Mendes Moreira. *História 9º Ano*. Porto: Edições Asa, 2008.

Brito, José Maria Brandão de. «Sobre as ideias económicas de Salazar». Em *Salazar e o salazarismo*, 33-58. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

Brito, José Maria Brandão de Brito, coord. *Do Marcelismo ao fim do Império*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

Couto, Célia Pinto, e Antonieta Monterroso Rosas. *História A. 12º Ano*. Porto: Porto Editora, 2009

Domingos, Nuno, e Victor Pereira. *O Estado Novo em Questão*. Lisboa: Edições 70, 2010.

Ferreira, José Medeiros. «Os Regimes Políticos em Portugal e a Organização Internacional da Europa». *Revista Política Internacional*, nº11 (1995):5-39.

Ferro, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

Freire Dulce. «A Campanha do Trigo». Em *Os anos de Salazar*, ed António Simões do Paço., 31-39. Lisboa: Planeta de Agostini, 2008.

Lains, Pedro. *Os Progressos do Atraso. Uma Nova História de Portugal*. Lisboa: ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

Lains, Pedro, e Álvaro Ferreira Silva, dirs. *História Económica de Portugal 1700-2000*, Volume III – *O Século XX*. Lisboa: ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

Loff, Manuel. *Salazarismo e franquismo na época de Hitler (1936-1942): convergência política, preconceito ideológico e oportunidade histórica na redefinição internacional de Portugal e Espanha*. Porto: Campo das Letras, 1996.

Loff, Manuel. *Ditaduras e Revolução*. Coimbra: Ed. Almedina, 2015.

- Mann, Michael. *Fascistas*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- Marques, A.H. de Oliveira Marques. *História de Portugal*, vol3. Lisboa: Ed. Presença, 1998.
- Pinto, António Costa. *O Salazarismo e o Fascismo Europeu – Problemas de interpretação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Coleção «Imprensa Universitária» - Editorial Estampa, 1992.
- Pinto, António Costa. *Os Camisas Azuis-Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal-1914-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- Pinto, António Costa. *Os Presidentes da República Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.
- Pinto, António Costa. *A Sombra das Ditaduras – A Europa do Sul em Comparação*. Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais, 2013.
- Ramos, Rui, Bernardo Vasconcelos Sousa, e Nuno Gonçalo Monteiro. *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.
- Rosas, Fernando. *O Estado Novo nos Anos Trinta, 1928-1938*. Lisboa: Coleção “Imprensa Universitária”- Editorial Estampa, 1986.
- Rosas, Fernando. «Quem Manda?». Em *História de Portugal, v. VII, Estado Novo (1926-1974)*, dir. José Mattoso, 111-117. Lisboa: Círculo de Leitores, Lisboa, 1994.
- Rosas, Fernando. *Portugal entre a Paz e a Guerra, 1939-1945*. Lisboa: Coleção “Histórias de Portugal”- Editorial Estampa, 1995.
- Rosas, Fernando. «O Marcelismo ou a falência da política de transição no Estado Novo». Em *Do Marcelismo ao Fim do Império*, coord. José Maria Brandão de Brito, 15-59. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- Rosas, Fernando. *Salazarismo e Fomento Económico (1928-1948). O Primado do Político na História Económica do Estado Novo*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- Rosas, Fernando. «O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo», *Análise Social*, XXXV, 157 (2001): 1031-1054.
- Rosas, Fernando, e Pedro Aires Oliveira, coords. *A Transição Falhada. O Marcelismo e o fim do Estado Novo (1968-1974)*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- Rosas, Fernando. *Portugal Século XX (1890-1976). Pensamento e Acção Política*, 1ª ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- Rosas, Fernando, et al. *Corporativismo Fascismos Estado Novo*. Coimbra, Edições Almedina. 2012
- Rosas, Fernando. *Salazar e o poder – A Arte de Saber Durar*. Lisboa: Tinta da China, Edições, 2013.

Torgal, Luís Reis, José Maria Amado Mendes, e Fernando Catroga. *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1996.

Torgal, Luís Reis, e Heloísa Paulo, orgs. *Estados Autoritários e Totalitários e suas Representações*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

Torgal, Luís Reis. «“O Fascismo Nunca Existiu...” Reflexões sobre as Representações de Salazar». Em *Estados Autoritários e Totalitários e suas Representações*, Luís Reis Torgal e Heloísa Paulo orgs., 17-29. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

Torgal, Luís Reis. *Estados Novos. Estado Novo. Ensaios de História Política e Cultural*, Vol.I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009a.

Torgal, Luís Reis. *Estados Novos. Estado Novo. Ensaios de História Política e Cultural*, Vol.II. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009b.

Xosé, Luís Barreiro Ribas, «Totalitarismo». Em *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, (s.n.: Instituto de Filosofia de Linguagem, s.d.)

Fontes e recursos *online* :

«Totalitarismo», Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em <http://www.infopedia.pt/totalitarismo>

«Totalitarismo», Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora.
[http://www.infopedia.pt/\\$totalitarismo?uri=vocabulario/totalitarismo](http://www.infopedia.pt/$totalitarismo?uri=vocabulario/totalitarismo)

«Autoritarismo», Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível em <http://www.infopedia.pt/autoritarismo>

Torgal, Luís Reis. Rui Ramos e o reabrir da polémica sobre a “História de divulgação” do Estado Novo. *Jornal Público*, 20 de setembro.2012. Disponível em <http://www.publico.pt/opiniao/jornal>

Anexos

Certificados das formações realizados

- A Educação Sexual em Meio Escolar: metodologias de abordagem/intervenção
- A(In)segurança que temos e a segurança que merecemos
- A Plataforma moodle: Um recurso a explorar
- A Utilização das TIC nos Processos de Ensino Aprendizagem
- Abrindo Caminhos para a Educação Histórica: A aula oficina
- Contributos para a prática pedagógica diferenciada
- Da criação à partilha: A biblioteca hoje
- Desenvolvimento das ... do Excel
- Educação Sexual e reprodutiva
- Educação Sexual na escola: preparar a mudança
- Encontro de mediadores EFA de nível Secundário
- Encontros Porto Editora
- Ensino da História: A Aula-oficina
- Gestão da Disciplina em Contexto Escolar e Prevenção de Situações de *Bullying*
- Informática para Utilizadores – Nível I
- Modos de utilização do manual escolar nas práticas pedagógicas e a sua articulação nos programas vigentes
- O ensino-aprendizagem da História na era da globalização
- O Excel como ferramenta de trabalho do professor
- Oficina de História, Produção de Materiais Didáticos
- Oficina de formação- Defesa do Património Cultural
- Oficina Pedagógica: Cursos EFA – Nível Secundário
- Otimização do tempo em contexto educativo: Utilização de Recursos Digitais na disciplina de História
- Projeto Curricular de Turma.
- Quadros Interativos - ActiveBoard

- Quadros Interativos Multimédia no Ensino/Aprendizagem das Humanidades e Ciências Sociais
- Quotidianos Educativos e Experiências de (In) Disciplina
- Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Básica



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Entidade formadora: **Centro de Formação da Associação de Escolas
dos Concelhos de Barcelos e Esposende**
Registo de acreditação: **CCPFC/ENT-AE-1151/11**

CERTIFICADO

---CARLOS ALBERTO DE MATOS NETO DA SILVA, Diretor do Centro de Formação da Associação de Escolas dos Concelhos de Barcelos e Esposende, certifica que, **MARIA FÁTIMA DIAS PEREIRA**, portador(a) do documento de identificação n.º **5815870**, foi creditado(a), em definitivo, com **2,0** unidades de crédito e com a classificação final de **EXCELENTE - 10 valores**, na escala de 1 a 10, por ter frequentado, com aproveitamento, a ação de formação **“A EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR: METODOLOGIAS DE ABORDAGEM/INTERVENÇÃO”**, Turma K, na modalidade de **OFICINA DE FORMAÇÃO** e registo de acreditação **CCPFC/ACC-67766/11**, com a duração de **25 horas** presenciais e **25 horas** de trabalho autónomo, no total de **50 horas** de formação, ministrada pelas formadoras **Maria Joana Carvalho Abreu e Fernanda Rosário Pombal Gonçalves**, no período de **21 a 28 de dezembro de 2012**, na **Escola EB2,3 de Lijó, em Barcelos**. -----

---Mais se certifica que, para os efeitos previstos no artigo 5º do Regime Jurídico de Formação Contínua de Professores, a presente ação de formação releva para efeitos de progressão em carreira de Educadores de Infância, Professores dos Ensinos Básico e Secundário e Professores de Educação Especial. -----

---Para efeitos de aplicação do n.º 3 do artigo 14.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação de formação **não releva** para a progressão em carreira.-----

CFAE Barcelos e Esposende, 02 de abril de 2013



(Carlos Alberto de Matos Neto da Silva)

Av.ª João Paulo II – Apartado 166
4750-304 Barcelos
Telefone – 253 809 369
E-mail – cefacb.barcelos@sapo.pt
URL – <http://cefacb.no.sapo.pt>



Pró-Ordem



A.N.P.E.S.

CERTIFICADO

Rua Profª Vieira de Almeida, 5 - 2.º C 1600-664 Lisboa Tel.: 21 752 43 80; Fax: 21 757 00 54

Para os devidos efeitos se declara que o(a) Sr.(a) Dr.(a)

Ilana de Fátima Dias Pereira

esteve presente e participou no Seminário organizado pela **PRÓ-ORDEM**, em colaboração com o *Sindicato dos Professores do Ensino Superior* e com o apoio da *Associação Nacional dos Professores do Ensino Secundário*, subordinado ao tema «**a (in)segurança que temos a segurança que merecemos...**», realizado no dia 11 de Junho de 2004, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

Barcelos, 11 de Junho de 2004

O Presidente

PROFESSORES PRÓ-ORDEM

Delegação Regional do Porto

R. Visconde de S. J. 61

E-mail: info@proordem.pt

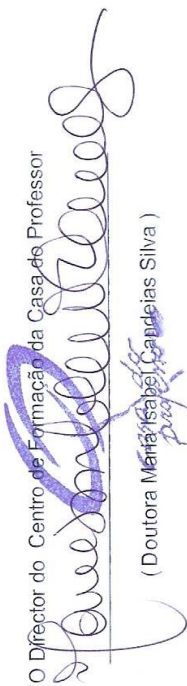
(Filipe do Paulo)

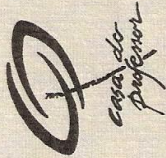


CERTIFICADO

Certifico que **Maria Fátima Dias Pereira** frequentou, com aproveitamento, o Curso de Formação "A PLATAFORMA MOODLE: UM RECURSO A EXPLORAR" que teve a duração de **25h presenciais + 25h não presenciais**, na Modalidade de Oficina de Formação que decorreu entre os dias 24.03.2011 e 26.05.2011, em Braga, sob a orientação do Formador **João Paulo Ferreira**, tendo como destinatários Educadores de Infância, Professores do Ensino Básico e Secundário, conforme o Registo de Acreditação nºCCPFC/ACC-62085/10. Mais certifico que foi atribuída ao formando a classificação de **Excelente - 9,9 valores**, numa escala de um a dez, **2 créditos**, para efeitos de Progressão na Carreira Docente, nos termos do artigo 5º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores.

Braga, 04 de Julho de 2011

O Director do Centro de Formação da Casa do Professor

(Doutora Maria Isabel Capelas Silva)



Casa do Professor



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

Certificado

Certifico que **MARIA FÁTIMA DIAS PEREIRA** frequentou, com aproveitamento, o Curso de Formação “A Utilização das TIC nos Processos de Ensino e Aprendizagem” que teve a duração de **25 horas**, na Modalidade de Oficina de Formação de Ensino à Distância e que decorreu entre os dias 06.09.2007 e 20.12.2007, em Braga, sob a orientação do Formador José Eduardo Cunha, tendo como destinatários Educadores, Professores do Ensino Básico e Secundário, conforme o Registo de Acreditação nº CCPFC/ACC-44043/06. Mais certifico que foi atribuída ao formando a classificação de **EXCELENTE - 10 valores**, numa escala de um a dez, **2 créditos**, para efeitos de Progressão na Carreira Docente, nos termos dos artigos 5º e 14º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores.

Braga, 31 de Dezembro de 2007

O Director do Centro de Formação da Casa do Professor

(Dr. José Capitão)

CENTRO DE APOIO AO PROFESSOR
Rua da Restauração, 365 - 4099-023 PORTO

INTERNET
www.espacoprofessor.pt

LINHA DO PROFESSOR
n.º único
707 22 33 66

ESPAÇOS PROFESSOR
PORTO R. da Restauração, 365
COIMBRA R. de João Machado, 9
LISBOA Av. Estados Unidos da América, 1-A

Certificado

Certificamos que Maria de Lurdes Dias Pereira
participou no Encontro de Educação subordinado ao tema
ABRINDO CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO HISTÓRICA : A AULA-OFICINA
realizado no dia 16-02-2008, na Escola Secundária Sá de Miranda - Braga

Porto, 16 de Fevereiro de 2008

Centro de Apoio ao Professor


PORTO EDITORA, LDA
Rua da Restauração, 365
4099-023 PORTO

CENTRO DE APOIO AO PROFESSOR
Rua da Restauração, 365 4099-023 PORTO

INTERNET
www.espacoprofessor.pt

LINHA DO PROFESSOR
de junho
707 22 33 66

ESPAÇOS PROFESSOR
PORTO R. da Restauração, 365
COIMBRA R. de João Machado, 9
LISBOA Av. Estados Unidos da América, 1-A

Certificado

Certificamos que Mania de Fátima Dias Pereira
participou no Encontro de Educação subordinado ao tema
CONTRIBUTOS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA - 8º ANO
realizado no dia 20-04-2007, no Hotel do Templo - Braga

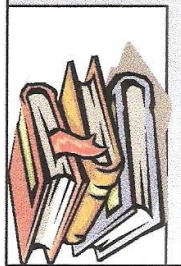
Porto, 20 de Abril de 2007

Centro de Apoio ao Professor

 **PORTO EDITORA, LDA.**
Rua da Restauração, 365
4099-023 PORTO

Mania

Escola Secundária de Alberto Sampaio - Braga
Biblioteca - Centro de Recursos Educativos



IV Jornadas da Biblioteca/ CRE 2001

Certificado

Para os devidos efeitos se certifica que Mania de Fábulo Dias Pereira participou no Fórum "Da Criação à Partilha: A Biblioteca Hoje" que se realizou no dia 13 de Fevereiro de 2001, no Auditório Álvaro Carneiro da Escola Secundária de Alberto Sampaio, no âmbito das IV Jornadas da BJB/ CRE.

Pelo Conselho de Coordenação da Biblioteca/CRE

O Presidente do Conselho Executivo


Miguel Ferreira Carmo Soares



CERTIFICADO

Certifico que **Maria Fátima Dias Pereira** frequentou, com aproveitamento, a Acção de Formação "DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS BÁSICAS EM EXCEL" que teve a duração de 25h presenciais + 25h não presenciais, na Modalidade de Oficina de Formação que decorreu entre os dias 11.06.2011 e 16.07.2011, em Braga, sob a orientação do Formador João Paulo Ferreira, tendo como destinatários Educadores de Infância, Professores do Ensino Básico e Secundário, conforme o Registo de Acreditação CCPFC/ACC-55448/09. Mais certifico que foi atribuída ao formando a classificação de **Excelente - 9,7 valores**, numa escala de um a dez, **2 créditos**, para efeitos de Progressão na Carreira Docente, nos termos do artigo 5º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores.

Braga, 03 de Agosto de 2011

A Directora do Centro de Formação da Casa do Professor

(Doutora Maria Isabel Candeias Silva)



Agupamento Escolas
Vale do Tâmega

DIPLOMA

Educação Sexual e Reprodutiva

Por ter participado na acção de Formação intitulada "Educação Sexual e Reprodutiva", organizado pelo Coordenador do Projecto de Promoção e Educação para a Saúde e Dinamizado pelo Instituto Português da Juventude/Associação do Planeamento da Família realizada na Escola E.B. 2,3 de Lijó, é atribuído a Maria de Fátima Dias Peixinho presente diploma de Educação Sexual e Reprodutiva - Lijó - 201



o Coordenador do Projecto de Promoção e Educação para a Saúde/ Serviço de Psicologia
Elisabete Araújo
(Elisabete Araújo)

António Jorge Gonçalves
(António Jorge Gonçalves)

Escola E.B. 2, 3 de Lijó - 2009/2010

ESCOLA E. B. 2, 3 DE LAMAÇÕES - BRAGA

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

ACÇÃO DE FORMAÇÃO

Educação Sexual na Escola: preparar a mudança

Para os devidos efeitos se declara que o(a) professor(a) Henrique do Fátima Dias
Rosa participou na acção de formação em epígrafe nos dias 8 e 9 de Março de 2001,
organizada pelo Núcleo de Estágio de História da Universidade Portucalense - Infante D. Henrique.

Braga, 9 de Março de 2001

O Presidente do Conselho Executivo

João Luís Jardim Leitão

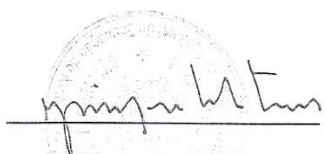
**Oficina Pedagógica
" Encontro de Mediadores EFA-NS "**

Declaração de Presença

Declara-se que Mauro de Fátima Dias Pereira

participou no "Encontro de Mediadores E.F.A. de Nível Secundário", que teve lugar na **Escola Secundária Rocha Peixoto**, na **Póvoa de Varzim**, no dia 29 de Janeiro de 2010, das 10.00 às 13.30 Horas.

Barcelos, 29 de Janeiro de 2010



José Maria Losa Esteves

Coordenador Educativo

DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE

Equipa de Apoio às Escolas de Barcelos, Esposende e Vila Nova de Famalicão

1/1

Escola Secundária de Barcelos
AV. João Paulo II, Apartado 166
4750 -304 Barcelos •
Tel.: 253809360 / eae.bef@dren.min-edu.pt

CENTRO DE APOIO AO PROFESSOR
Rua da Restauração, 365 | 4099-023 PORTO

INTERNET
www.espacoprofessor.pt

LINHA DO PROFESSOR
n.º único
707 22 33 66

ESPAÇOS PROFESSOR
PORTO R. da Restauração, 365
OLIMBRA R. de João Machado, 9
LISBOA Av. Estados Unidos da América, 1-A

Certificado

Certificamos que Yara de Fátima Dias Pereira
participou no Encontro de Educação subordinado ao tema
ENCONTROS PORTO EDITORA 2008
realizado no dia 25-03-2008, no Hotel do Templo

Porto, 25 de Março de 2008

Centro de Apoio ao Professor

 **PORTO EDITORA, LDA.**
Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto

Yara

CENTRO DE APOIO AO PROFESSOR

Rua da Restauração, 365 | 4099-023 PORTO

INTERNET

www.espacoprofessor.pt

LINHA DO PROFESSOR

n.º único

707 22 33 66

ESPAÇOS PROFESSOR

PORTO R. da Restauração, 365
COIMBRA R. de João Machado, 9
LISBOA Av. Estados Unidos da América, 1-A

Certificado

Certificamos que Yara de Fátima Dias Queiroz

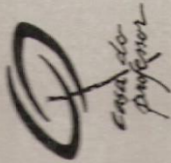
participou no Encontro de Educação subordinado ao tema

ENCONTROS PORTO EDITORA 2008

realizado no dia 25-03-2008, no Hotel do Templo

Porto, 25 de Março de 2008

Centro de Apoio ao Professor



Casa do Professor

Centro de Formação da Casa do Professor

Certificado

Certifico que **Maria Fátima Dias Pereira** frequentou, com aproveitamento, o Curso de Formação “ENSINO DA HISTÓRIA: A AULA OFICINA” que teve a duração de **25h presenciais + 25h não presenciais**, na Modalidade de **Oficina de Formação** e que decorreu entre os dias 13.11.2009 e 22.01.2010, em Braga, sob a orientação dos Formadores Maria Amélia Samarão e Hugo Manuel Martins, tendo como destinatários os Grupos 200 e 400, conforme o Registo de Acreditação nº CCPFC/ACC-55347/09. Mais certifico que, para efeitos de aplicação do Despacho 16794/05, de 3 de Agosto, a presente acção releva para a progressão da carreira dos destinatários acima referidos e que foi atribuída ao formando a classificação de **Muito Bom - 8,8 valores**, numa escala de um a dez, **2 créditos**, nos termos dos artigos 5º e 14º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores.

Braga, 02 de Março de 2010

O Director do Centro de Formação da Casa do Professor

(Doutora. Maria Isabel Candeias Silva)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS VALE DO TAMEL

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que o (a) Professor (a), Maria de
Fátima Dias Pereira participou na acção de formação
intitulada "**Gestão da Disciplina em Contexto Escolar e Prevenção de Situações**
de Bullying", com duração de duas horas e realizada no dia 13/ABRIL/2010, nas
instalações da Escola Sede do Agrupamento de Escolas Vale do Tamel.

Lijó, 12 de Abril de 2010

O Director do Agrupamento de Escolas Vale do Tamel



Rui Sampaio



CERTIFICADO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

MARIA DE FÁTIMA DIAS PEREIRA

Frequentou, durante o ano 2003, na entidade M.T.S. - Lda a Acção de Formação " Informática para Utilizadores - Nível I", financiada pelo FSE/POEFDS - Medida 2.1.2.1, num total de 60h

- Introdução ao ambiente Windows e conceitos gerais de Informática
- Processador de Texto
- Folha de Cálculo
- Apresentações Multimédia / Edição Electrónica
- Internet / Correio Electrónico

Braga, 31 de Julho de 2003

Maria Teresa Salgado
(Directora do Centro)

Rui Miguel Costa
(Formador)



Certifica-se que

Mário de Fátima Dias Pereira

participou nos **Encontros Pedagógicos Areal Editores 2008**, dinamizados por autores de manuais escolares e subordinados ao tema ***Modos de utilização do manual escolar nas práticas pedagógicas e sua articulação com os Programas vigentes.***

Este Encontro decorreu no Hotel Turismo, no dia 26 de Abril, em Braga.



.....
Areal Editores

Braga, 26.04.2008



PORTO EDITORA

CENTRO DE APOIO AO PROFESSOR
Rua da Restauração, 365 | 4099-023 PORTO

LINHA DO PROFESSOR
n.º único → 707 22 33 66

INTERNET
www.portoeditora.pt
E-mail: ApoioProf@portoeditora.pt

ESPAÇOS EDUCARE
PORTO R. da Restauração, 365 | 4099-023 PORTO
COIMBRA R. de João Machado, 9 | 3000-226 COIMBRA
LISBOA Av. Estados Unidos da América, 1-A | 1700-163 LISBOA

Certificado

Certificamos que Yvair de Fátima Dias Pereira
participou no Encontro de Educação subordinado ao tema

— O ENSINO – APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO
realizado no dia 22-02-2006, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva – Braga

Porto, 22 de Fevereiro de 2006

 PORTO EDITORA
Centro de Apoio ao Professor
4099-023 PORTO

Yvair



Centro de Formação de Vila Verde

Rua Professor Doutor José Bacelar de Oliveira S. J. • 4730-781 Vila Verde
Telefone 253-321 210 Fax 253321211

CERTIFICADO

Maria Isabel Ferreira Tarroso Gomes, Directora do Centro de Formação de Vila Verde, certifica que o formando realizou com aproveitamento o Curso de Formação “**O Excel como ferramenta de trabalho do professor**” e obteve os créditos abaixo referidos.

FORMANDO:

NOME: Maria de Fátima Dias Pereira

Data: 2003.03.01 a 2003.05.10

Duração: 30 horas

Registo de Acreditação – CCPFC/ACC-26915/02 de 29 de Julho

Formadores: Hélio Manuel Vilas
Luís Miguel de Almeida e Sousa Elias de Sousa

Local de realização: Escola Secundária de Vila Verde

Créditos Obtidos: 1.2 (uma unidade de crédito e duas décimas)

Mais se certifica que, para os efeitos no artigo 5º, do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente acção releva para efeitos de progressão na carreira de Educadores de Infância e Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

Vila Verde, 15 de Maio de 2003

A Directora do Centro de Formação



Acção de Formação acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua e financiada pelo Fundo Social Europeu e Estado Português no âmbito da Medida 5.1 - PRODEP III



Casa do Professor

Centro de Formação da Casa do Professor

Certificado

Certifico que **Maria Fátima Dias Pereira** frequentou, com aproveitamento, o Curso de Formação “OFICINA DE HISTÓRIA, PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁCTICOS” que teve a duração de **25 horas**, na Modalidade de Oficina de Formação e que decorreu entre os dias 16.01.2009 e 13.03.2009, em Braga, sob a orientação da Formadora Alda Cristina Rodrigues, tendo como destinatários os Grupos 200, 400 e 420, conforme o Registo de Acreditação nº CCPFC/ACC-478903/07. Mais certifico que, para efeitos de aplicação do Despacho 16794/05, de 3 de Agosto, a presente acção releva para a progressão da carreira dos destinatários acima referidos e que foi atribuída ao formando a classificação de **Excelente - 9,8 valores**, numa escala de um a dez, **2 créditos**, nos termos dos artigos 5º e 14º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores.

Braga, 12 de Maio de 2009

O Director do Centro de Formação da Casa do Professor


(Doutora. Maria Isabel Cardeias Silva)



Casa do Professor

Centro de Formação da Casa do Professor

Certificado

Certifico que **Maria Fátima Dias Pereira** frequentou, com aproveitamento, o Curso de Formação “**Oficina de Formação - Defesa do Património Cultural**” que teve a duração de **25h presenciais + 25h não presenciais**, na Modalidade de **Oficina de Formação** e que decorreu entre os dias 14.10.2010 e 02.12.2010, em Braga, sob a orientação da Formadora Alda Cristina Rodrigues, tendo como destinatários os Grupos 200 e 400, conforme o Registo de Acreditação nº CCPFC/ACC-55705/09. Mais certifico que, para efeitos de aplicação do Despacho 16794/05, de 3 de Agosto, a presente acção releva para a progressão da carreira dos destinatários acima referidos e que foi atribuída ao formando a classificação de **Muito Bom - 8,45 valores**, numa escala de um a dez, **2 créditos**, nos termos dos artigos 5º e 14º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores.

Braga, 21 de Dezembro de 2010

O Director do Centro de Formação da Casa do Professor

(Doutora. Maria Isabel Candeias Silva)

**Oficina Pedagógica
Cursos EFA – Nível Secundário**

Declaração de Presença

Declara-se que Mania de Fátima Dias Pereira
participou na "**Oficina Pedagógica: Cursos EFA – Nível Secundário**" que teve
lugar na Escola Básica Integrada de Vila Cova, em Vila Cova, no dia 20 de Outubro de
2009, com a duração de 3 horas.

Barcelos, 20 de Outubro de 2009



José Maria Losa Esteves

Coordenador Educativo

DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE

Equipa de Apoio às Escolas de Barcelos, Esposende e Vila Nova de Famalizão

1/1

Escola Secundária de Barcelos
AV. João Paulo II, Apartado 166
4750 -304 Barcelos •
Tel.: 253809360 / eae.bef@dren.min-edu.pt

Certificado

Formação de Pessoal Docente

Designação da Ação:

Otimização do tempo em contexto educativo:
utilização de recursos digitais na disciplina de
História

Certificado de Acreditação: CCPFC/ACC-77273/14
Modalidade da Ação: Curso de Formação
Data de Início: 22-03-2014
Data de Fim: 29-03-2014
N.º de Horas Presenciais: 15
N.º Total de Horas: 15
N.º de Créditos: 0,6
Avaliação (Escala I1;10I): 10 Valores (Excelente)

Local de Realização:

Hotel MELIA

Formador(es):

António Cachide de Almeida (CCPFC/RFD-16213/03)
Manuel Sousa Santos (CCPFC/RFD-12090/01)

Para os devidos efeitos, o Centro de Formação Sá de Miranda, com sede na Escola Secundária de Sá de Miranda, em Braga, certifica que o(a) Docente MARIA FÁTIMA DLAS PEREIRA, portador(a) do BI n.º5815870, frequentou, com aproveitamento, a ação de formação descrita ao lado.

Mais se certifica que, para os efeitos previstos no artigo 5.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para a progressão na carreira dos Professores do Grupo 400.

Para efeitos de aplicação do n.º3 do artigo 14.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para a progressão na carreira dos Professores do Grupo 400.

Braga, 7 de Maio de 2014

O Diretor do Centro



ORGANIZADO POR:



PROJECTO CURRICULAR DE TURMA

Certificado

Certifica-se que Mari de Fátima Dias Queiroz
*participou no Seminário: “PROJECTO CURRICULAR DE
TURMA”, realizado no Auditório do Instituto Português da
Juventude, em Braga, promovido pelo SEPLeU – Sindicato de
Educadores e Professores Licenciados pelas Escolas Superiores
de Educação e Universidades, no dia 15 de Novembro de 2008,
com duração de 4 horas.*

Braga, 15 de Novembro de 2008.

Pela Direcção Nacional
O Comissário Regional de Braga

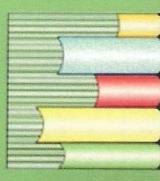
(Dr. Rui Jorge Pereira Barroso)

Certificado

Para os devidos efeitos certifica-se que o(a) Professor(a) Luis de Fátima Pereira participou na acção de formação «Quadros Interativos ActiveBoard», realizada durante o mês de Novembro, na Escola EB2/3 de Lijó - Barcelos, com a duração de 6 horas.

Lijó, 26 de Novembro de 2009

A Equipa PTE


Agrupamento Escolas
Vale do Tâmega







plano tecnológico
educação



competências
tic

Entidade Formadora: **CF BARCELOS E ESPOSENDE**
 Registo de Acreditação **CCPFC/ENT-AE-1061/08**
 Validade da Acreditação **15 DE DEZEMBRO DE 2011**

CERTIFICADO

Certifica-se que **MARIA FÁTIMA DIAS PEREIRA**, docente do grupo de
 recrutamento **400**, de **AGRUPAMENTO DE ESCOLAS VALE TAMEL**
 frequentou com aproveitamento, com a classificação de **EXCELENTE (9,3** Valores), a acção de formação contínua,
QUADROS INTERACTIVOS MULTIMÉDIA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DAS HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS
 com o registo de acreditação nº **CCPFC/ACC-59975/09**, na modalidade de curso de formação, com a duração de 15 horas,
 relevando para efeitos de progressão em carreira dos grupos de recrutamento **200-290-400-410-420-430-530**
 de acordo com o artº 5º e com o artº14 do Regime Jurídico da Formação Contínua, com 0,6 créditos realizada entre
7 de SETEMBRO de 2010 e **11 de SETEMBRO de 2010**, com o(s) formador(es):
JOÃO BARROSO CUNHA MONTES

A acção inclui-se na formação prevista no artº 5º da Portaria 731/2009, de 7 de Julho, formação em competências
 pedagógicas e profissionais com TIC e corresponde a um curso de **Nível 2, Opcional**

Data: 20 de DEZEMBRO de 2010





Ação co-financiada pelo Estado Português e pelo Fundo Social Europeia

Centro de Formação BRAGA - SUL

Para os devidos efeitos se declara que *Maria de Játima Dias Pereira*,
frequentou com aproveitamento *Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Básica*
com a duração de 50 horas, a que correspondem 3 unidades de
crédito, tendo sido orientado por *Dr. Adriano Fernando Ramos Oliveira*

Formação, na modalidade de Círculo de Estudos, realizada na Escola Secundária D. Maria II de 1 de Março a 3 de Junho


Braga, 8 de Julho de 2002

O Director do Centro

José Maria Fernandes de Araújo

Apêndices

- Teste avaliação sumativa
- Grelhas de correção
- Planificação de visita de estudo
- Guião da visita de estudo
- Relatório de avaliação de atividades
- Planificação de atividades
- Atividade “ Ler pela História”
- Planificação de atividades
- Relatórios de avaliação de atividades

 9ºAno Ano lectivo 11/12	Agrupamento de Escolas Vale do Tamel Teste Sumativo de História	Fev/ 2012
---	--	-----------

Grupo I

1. Atente ao doc. A, B, C e D.

Doc. A

O estrondoso colapso da economia americana em Outubro de 1929 apanhou desprevenido o mundo financeiro da maior parte dos EUA. Em 24 de Outubro, dia que ficou na história como “quinta-feira negra”, a Bolsa de Valores de Nova Iorque deu início às suas transacções num ambiente de ilusória normalidade. Os efeitos do colapso da bolsa de Valores de Nova Iorque fizeram-se sentir em todo o mundo.

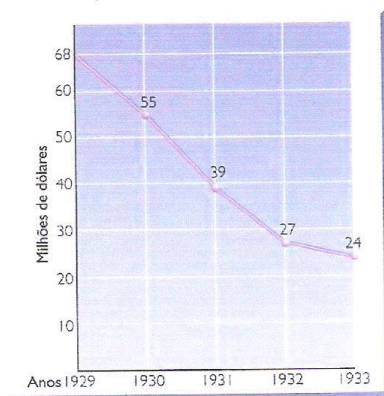
A Grande Depressão, in “Os Grandes Acontecimentos do Século XX”

Doc. B

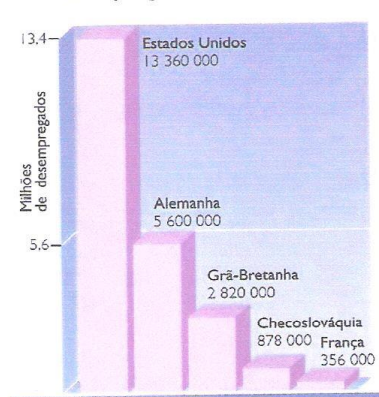
(...) Sob a sua forma aguda, a crise irradia rapidamente através do mundo. As falências multiplicam-se nos países em que o sistema de crédito liga mais intimamente aos EUA, ou cuja fragilidade é maior: A Áustria (Maio de 1931) a Alemanha (Verão de 1931), a Grã-Bretanha e depois a França. As trocas capitalistas baixam 25% em 3 anos, (...) a queda dos preços agrícolas ultrapassa os 50%, a da produção industrial abeira-se dos 40%. Uma massa enorme de assalariados é lançada no desemprego: 40 milhões em 1932.

Madeleine Rebérioux, Atlas Histórico

C – Evolução do comércio internacional



D – Desemprego em 1933



1.1 Explique a ideia presente no doc. A.

1.2 Identifique os indicadores da crise dos anos de 1930, destacados nos docs.A e B.

1.3 Aponte os motivos que levaram à rápida mundialização da crise económica, após o crash da Bolsa, a partir dos docs A e B.

1.4 Interprete o doc. C.

1.5 Relacione a crise económica com a crise social. (docs. C e D)

2. Atente aos docs. E e F

Doc. E

A nossa grande obrigação, a primeira, é fazer voltar o povo ao trabalho (...). Isto pode realizar-se em parte por um contrato directo com o governo, agindo como em caso de guerra, mas também realizando, através desse contrato, os trabalhos necessários para estimular e reorganizar o uso dos nossos recursos naturais. (...)

Pode trabalhar-se nesse sentido através de esforços preciosos para elevar o preço dos produtos agrícolas a com eles o poder de compra que absorverá a produção das nossas cidades, também concedendo subsídio de desemprego e aumentando os impostos sobre altos rendimentos.

Discurso de Franklin Roosevelt, 1933, adaptado

Doc. F

RESULTADOS DO NEW DEAL			
	1929	1932	1939
Produção de trigo (milhões de toneladas)	22	22	20
Índice da produção industrial	96	50	96
Automóveis	5358	1371	3577
Aço (milhões de toneladas)	57,3	14,0	47,8
Salário semanal	101,5	69,2	77,2
Desempregados (milhões)	1,4	11,9	8,8
Exportações (milhões de dólares)	5,3	1,6	3,3

2.1 Identifique a política económica defendida pelo novo presidente dos EUA expressa no doc E.

2.2 Explique as ideias do presidente Roosevelt, em termos económicos, presentes no doc. E.

2.3 Relacione os resultados da produção nos EUA ao longo dos anos 30 (doc.F) com a política económica desenvolvida neste país.

2.4 Analise os dados do doc. F, relativos ao desemprego.

3. Assinale com um V, as afirmações verdadeiras e com um F, as afirmações falsas.

- A Grande depressão espalhou-se rapidamente pelo mundo.
- A crise dos anos 30 iniciou-se nos países da Europa Ocidental.
- Entre as várias consequências da crise, destaca-se o desemprego de milhões de pessoas.
- A Grande depressão dos anos de 1930 foi responsável pelo enriquecimento do sector bancário.

4. Corrija as afirmações falsas.

Grupo II

1. Atente aos doc. A.

Doc. A

O fascismo quer que o Estado seja forte, organizado e baseado num amplo apoio popular (...). Para o fascismo, tudo está no Estado, nada de humano ou espiritual existe fora do Estado. Neste sentido, o fascismo é totalitário. Nem agrupamentos – partidos políticos, associações, sindicatos - , nem indivíduos fora do Estado.

O Estado fascista limitou as liberdades inúteis ou irrealistas, mas conservou as liberdades essenciais (...). O fascismo opõe-se ao socialismo e é inimigo do sindicalismo (...). As associações corporativas asseguram a igualdade jurídica entre empresários e trabalhadores, mantendo a disciplina da produção e do trabalho.

Mussolini, O fascismo. Doutrina, Instituições (adaptado)

- 1.1 Enuncie três princípios fundamentais do fascismo e justifique-os com expressões do doc A.
- 1.3 Transcreva, do doc. A, a frase que melhor retrata o carácter totalitário do regime fascista italiano.
- 1.4. Explique o significado da frase, destacada a negrito, no doc A.
2. Atente às frases seguintes e assinale com D, as que são características dos regimes democráticos e com um F as que são características de regimes fascistas.

- ⇒ O Estado deve ser comandado por um chefe a quem se deve obediência absoluta.
- ⇒ É aceite a existência de partidos políticos muito diversos.
- ⇒ O Judaísmo e o comunismo são considerados os inimigos principais.
- ⇒ A existência de um regime parlamentar é considerado um factor de divisão e de perturbação.
- ⇒ O nacionalismo é defendido de uma forma exaltada.
- ⇒ Os trabalhadores podem associar-se em sindicatos livres.
- ⇒ A disciplina militar e o culto das forças devem fazer parte da educação dos jovens.

Grupo III

1. Atente aos doc. A, B e C

Doc A

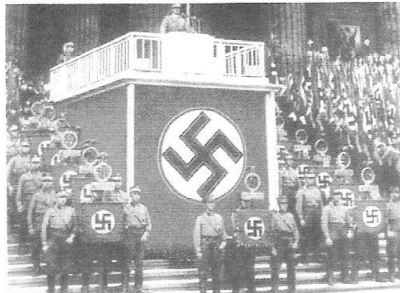
O Estado totalitário deve ser um Estado de responsabilidade total. Ele requer de cada um o cumprimento total dos seus deveres para com a Nação. O cumprimento destes deveres anula o carácter privado da existência individual.

Adolf Hitler, 1933

Doc B



Campo de concentração de Auschwitz-Birkenau (actualmente na Polónia).



Parada militar nazi, em Nuremberga, 1936

Doc C

- 1.1 Qual é, para Hitler, o papel do Estado na vida dos cidadãos. Fundamente a sua resposta com informação do documento A.
- 1.2 Que documentos representam o anti-semitismo alemão? Justifica a sua resposta.
- 1.3 Explicar o significado do conteúdo da fonte C, para a subida de Hitler ao poder e para o regime nazi.

Grupo IV

1. Atente aos doc A, B e C .

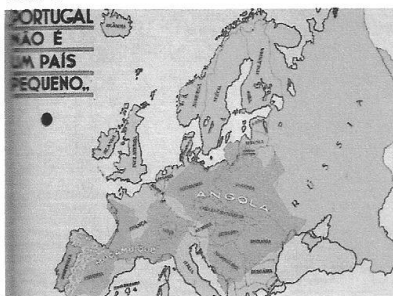
Doc. A

Os alicerces do “Estado Novo”

São volvidos dois anos. Antes, uma palavra só – desordem – definia em todos os domínios a situação portuguesa. A miséria, a indisciplina, a fraqueza dos governos geram a anarquia nas fábricas e nas ruas, a insegurança no país. (...) Tais factores reclamavam o esforço de salvação nacional, que desse ao país a condição fundamental do trabalho e da prosperidade – a ordem. Então, começou a grande batalha com uma solução política transitória – A Ditadura.

Salazar, discurso do 4º aniversário da Ditadura Militar, 28 de Maio de 1930

Doc B



Doc C

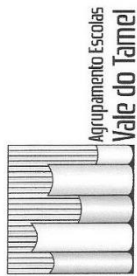
1932-1933	58
1934-1935	1 327
1936-1937	5 883
1938-1939	2 410
1940-1941	1 288
1942-1943	1 457
1944-1945	1 225
TOTAL	13 648

Dados: Presos políticos no regime fascista, Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista

- 1.1 Enumere, com base no doc. A, os factores responsáveis pela instauração da ditadura em Portugal.
- 1.2 Explique a importância do princípio retratado no doc. B, para a economia portuguesa, no período Salazarista.
- 1.3 Prove que o Estado Novo era repressivo e autoritário, apoiando-se nos dados do doc C.

Bom Trabalho!

A professora: Fátima Pereira



Planificação da actividade

UNIDADE EDUCATIVA	Escola Básica e Secundária Vale do Tâmega	ANO LECTIVO	2011 - 2012
ACTIVIDADE	Parque Biológico de Gaia e Igreja e Torre dos Clérigos	LOCALIDADE	Gaia /Porto
PROPONENTES (Dinamizadores)	Professores de História, Geografia e Ciências Naturais	DESTINATÁRIOS	Alunos do 8º ano
DATA DE REALIZAÇÃO	24 de Fevereiro de 2012	HORÁRIO (início e fim)	8:30h – 18:00h

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS EM QUE SE INSERE A ACTIVIDADE	ACTIVIDADES ESPECÍFICAS (com explicitação do horário)	METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO	RECURSOS PEDAGÓGICOS
História: - Capítulo F4: • A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa (A Arte Barroca do Século XVII. A arte e a Mentalidade Barrocas) - Capítulo G2: • As Revoluções Liberais (revolução Liberal Portuguesa) Geografia: - <i>Actividades económicas (agricultura)</i> - <i>População e Povoamento (Áreas de Fixação Humana)</i> Ciências Naturais: - <i>Ecossistemas</i> - <i>Gestão sustentável dos recursos naturais</i>	8:20h - Concentração na Escola EB 2,3 de Lijó; 8:45h - Saída da Escola; 10:00h - Chegada a Gaia (Parque Biológico) 10:30h - Visita ao Parque Biológico de Gaia 12:30h - <i>Pausa para almoço (Parque Biológico)</i> 13:30h - Saída do Parque Biológico; 14:00h - Chegada ao Porto e Visita à Igreja e Torre dos Clérigos 18:00h - Chegada prevista à Escola.	• Realização de um pequeno relatório, ilustrado com imagens (desenhos feitos pelos alunos/as ou fotografias) com a indicação dos locais visitados, do que os/os alunos/as mais apreciaram e respectiva justificação; Indicação dos aspectos menos apreciados e justificação. • Participação e interesse revelados.	- Autocarro - Autorização dos encarregados de educação - Máquina fotográfica - Bloco de notas - Pessoal Técnico das instituições; - Cumprimento do disposto no Ofício Circular da DREN nº 21/04, de 11 de Março.

Número de alunos que participam na actividade	107	Existe autorização /não autorização de todos os e.e.?	Sim	X	Não
Número de alunos que não participam na actividade	1	Alguns alunos não participam por motivos económicos?	Sim		X
Número de adultos acompanhantes	8	Existe plano de ocupação dos alunos que não participam?	Sim	X	Não
Nome dos docentes responsáveis pela actividade	Fátima Pereira/Teresa Rodrigues	Preço de referência a pagar por aluno	7,00 euros		
Contacto do docente responsável pela actividade		Transporte	Autocarro		

Nota: Documento a entregar na direcção pelo responsável da actividade com a antecedência de 8 dias.

(O professor responsável pela actividade)

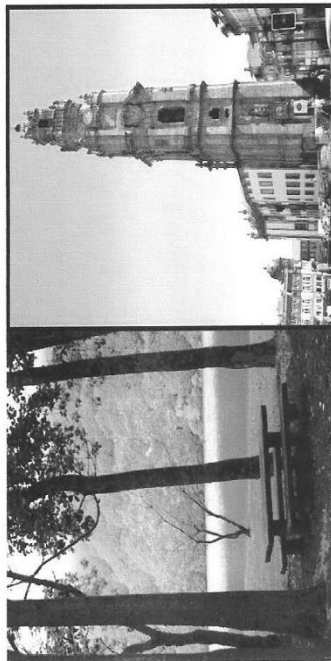
(A Direcção)

ESCOLA EB 2,3 DE LIJÓ
ANO LECTIVO 2011/2012
Organização: Professores de H, G e CN
Data: 24 de Fevereiro de 2012



GUIÃO DA VISITA DE ESTUDO 8º Ano

PARQUE BIOLÓGICO (Gaia) ...



... IGREJA E TORRE DOS CLÉRIGOS (Porto).

Informações gerais:

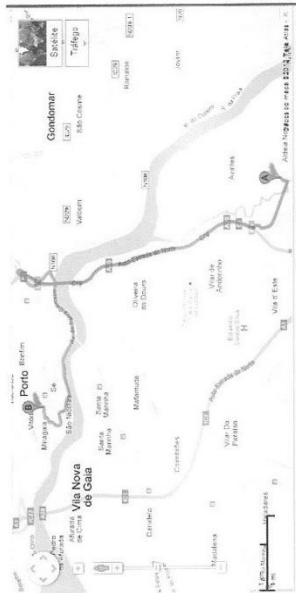
- Deves comparecer pontualmente na escola;
- Entrar e permanecer no autocarro de forma ordeira e silenciosa.
- Não sujar ou danificar o autocarro.
- Ser portador de material de escrita e de um farnel/lanche (responsabilidade de cada aluno).
- Evitar gritar ou falar muito alto.
- Nunca se afastar do grupo-turma.
- Respeitar e acatar as indicações dos professores.
- Usar vestuário e calçado confortável (não esquecer chapéu ou boné);

Objectivos:

- Sensibilizar para o património cultural e natural;
- Despertar o interesse pela História e pela visita a monumentos históricos;
- Reconhecer o papel dos monumentos na reconstrução da história e cultura portuguesa;
- Promover uma educação ambiental para o desenvolvimento sustentável;
- Sensibilizar para a preservação da biodiversidade;
- Observar a paisagem natural e as construções/sinais de vida do campo;
- Desenvolver o espírito de observação e de sensibilidade estética;

- Enriquecer vivências e experiências através do contacto com realidades diferentes;
- Aplicar os conceitos de mudança / permanência na caracterização das sociedades que se construíram no espaço português em diferentes períodos;
- Relatar algumas situações vividas e observadas;
- Promover uma cultura do saber ser e saber estar em espaços diferentes dos escolares;
- Fomentar o espírito de grupo, o convívio e a amizade.

Localização da Visita de estudo:



Águas e Parque Biológico de Gaia,
EEM
4430-681 Avintes

Tel. 22 787 81 20
Fax 22 783 35 83

Igreja e Torre dos Clérigos
Rua dos Clérigos
4050-204 Porto

Tel. 222 001 729

Itinerário da Visita de estudo

Autocarro 1 (8º A (nº 1 a 10), 8º E e 8º B)

- 8:20h - Concentração na Escola Básica e Secundária Vale do Tâmega;
- 8:30h - Saída da Escola;
- 10:30h - Visita ao Parque Biológico;
- 12:30h - Pausa para almoço no Parque de Merendas;
- 13:30h - Saída do Parque Biológico;
- 14:00h - Visita à Torre dos Clérigos;
- 18:00h - Chegada prevista à Escola.

Parque Biológico (Gaia)

O Parque Biológico de Vila Nova de Gaia consiste numa área agro-florestal, com 35 hectares, onde vivem em estado selvagem centenas de espécies de animais e plantas.

O objectivo do Parque Biológico é a compreensão, pelos visitantes, da paisagem da região, incluindo todos os seus componentes (flora, fauna, clima, arquitectura rural, usos e costumes, hidrografia, etc.) e do contraste entre essa paisagem agro-florestal, que se preserva no Parque, e a envolvente urbana.

O Parque é, também, uma pequena reserva natural de fauna e flora; mais de 40 espécies de aves selvagens nidificam no Parque e outras tantas visitam-no durante as migrações.

Integram ainda este espaço um centro de recuperação de animais selvagens, encontrados feridos ou detidos ilegalmente em cativeiro, e um viveiro que produz anualmente milhares de plantas, de mais de 300 espécies, destinadas ao próprio Parque e aos espaços verdes públicos do concelho de Gaia.

O Parque Biológico promove um programa de animação, edita material didáctico e realiza exposições em torno da temática ambiental.

Fonte: <http://www.parquebiologico.pt>



OUTROS LOCAIS DE INTERESSE

O **Monumento a D. Pedro IV** situa-se na Praça da Liberdade. É uma estátua equestre da autoria do escultor Célestin Anatole Calmels. Foi inaugurado em 19 de Outubro de 1866. Tem 10 metros de altura e cinco toneladas de bronze.

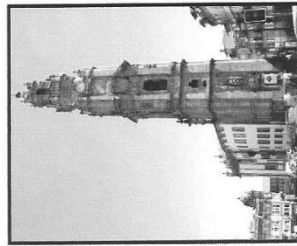
A estátua de bronze apresenta D. Pedro IV vestido com a farda de caçadores 5 e sobre ela uma placa (espécie de sobrecasaca) que era o seu traje habitual; na mão direita segura a Carta Constitucional de 1826 e na esquerda as rédeas do cavalo.

No pedestal são representadas duas cenas da vida do homenageado, em dois baixos relevos.

Um deles representa o desembarque na praia do Mindelo, onde se vê D. Pedro IV a entregar a bandeira a Tomás de Melo Breyner. O segundo mostra a entrega do coração de D. Pedro ao Porto. O coração encontra-se na Igreja da Lapa.



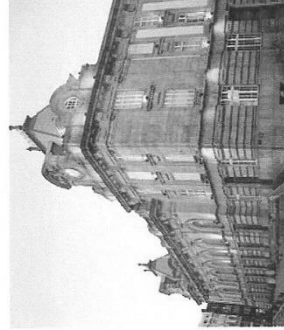
Igreja e Torre dos Clérigos (Porto)



Chama-se "dos clérigos" porque foi construída para sede de uma irmandade ou associação que tinha como objetivo a ajuda espiritual e material aos clérigos pobres.

Todo o conjunto, englobando a Igreja, a casa dos Clérigos (enfermaria e casa do despacho) e a Torre, foi construído no séc. XVIII, durante um longo período de 47 anos. Em 1750, iniciaram-se as obras da Casa dos Clérigos (que ligava a igreja à torre e ficou concluída em 1759); Em 1754 começou a ser construída a torre que ficou terminada em 1763. De 1767 até 1773 procedeu-se à referida reconstrução da capela-mor, seguindo-se outros pequenos arranjos, vindo as obras a ser dadas como inteiramente concluídas em 1779, com a sagração da igreja (dedicada a N. Sra. da Assunção).

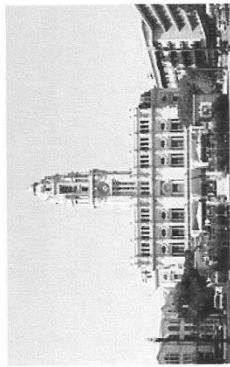
A execução deste grandioso projeto foi confiada a **Nasoni**; das obras encarregou-se o mestre pedreiro António Pereira, substituído pouco depois pelos mestres Miguel Francisco e Miguel António de Sousa, devido a dificuldades surgidas durante a construção.



Estação de São Bento construída no local de um antigo convento. Atualmente, destina-se apenas a comboios regionais. No interior, os imensos painéis de azulejos de Jorge Colaço, representando cenas históricas, conferem-lhe uma rara beleza artística. Representavam, principalmente, cenas passadas no Norte do país, estando retratados, entre outros acontecimentos, o Torneio de Arcos de Valdevez, a apresentação de Egas Moniz com os filhos ao rei de Castela, e a entrada de D. João I no Porto; um friso colorido, no átrio, dedica-se à história dos transportes em Portugal, concluindo com a inauguração dos caminhos de ferro.

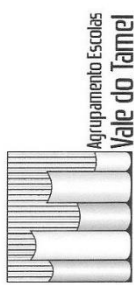
Fonte: http://www.portosxi.com/cultura/ver_edificio.php?id=2

O atual edifício da **Câmara Municipal do Porto** foi projetado pelo Arq. Correia da Silva e começou a ser construído em 1920. O projeto surgiu na sequência do plano de expansão do centro cívico elaborado pelo arquiteto inglês Barry Parker, aprovado em 1916. A concretização deste plano levou à expansão para norte da Praça da Liberdade, abrindo-se a Avenida dos Aliados e a atual Praça do General Humberto Delgado. Apesar de ter sido iniciado em 1920, as obras do edifício dos paços do concelho sofreram inúmeras interrupções, tendo sido introduzidas alterações ao projeto inicial, pelo Arq. Carlos Ramos. Os serviços camarários só se instalaram no novo edifício em 1957.



Actividades a realizar pelos alunos nos Locais	Avaliação:
<ul style="list-style-type: none"> - Observar com atenção os espaços, construções, objectos... - Ouvir com atenção as informações prestadas durante a visita, - Tomar notas durante a visita; 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação: realizar um pequeno relatório, ilustrado com imagens (desenhos feitos pelos alunos/as ou fotografias) com a indicação dos locais visitados, do que os/ os alunos/as mais apreciaram e respectiva justificação; indicação dos aspectos menos apreciados e justificação. - O relatório, entrega-se à Professora de História e Geografia de Portugal.

Boa visita!



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES (Anexo 3)



Relatório de atividade

Estabelecimento de Ensino	Escola Básica e Secundária Vale do Tâmega	Atividade	Visita de Estudo
Dinamização	Disciplinas de H, GEO e CN	Local(is) visitado(s)	Parque Biológico de Gaia e Torre dos Clérigos
Destinatários	Alunos do 8º Ano	Data	24 de Fevereiro de 2012

<p>Articulação com as metas do Projeto Educativo (Indique a prioridade em que se enquadra)</p> <p>META 1. Melhorar a qualidade da aprendizagem e os resultados escolares dos alunos. META 2. Melhorar a qualidade da ação educativa. META 7. Promover um ambiente educativo adequado ao sistema de ensino.</p>	<p>Atividade(s) desenvolvida(s)</p> <p>- Foi elaborado um guião da visita de estudo para alunos e professores. - De manhã, as turmas visitaram o Parque Biológico de Gaia - De tarde, os alunos foram divididos em dois grupos: enquanto as turmas A, B e D visitaram a Torre dos Clérigos, as turmas C e E visitaram A Estação de S. Bento, A Livraria Lello e baixa portuense. - O almoço realizou-se no parque de merendas do Parque Biológico de Gaia - No final, os alunos realizaram um relatório da visita ilustrado com imagens.</p>	<p>Avaliação <i>Referir, de forma descritiva, os elementos mais relevantes (por ex.: se correu conforme programado, se cumpriram os objetivos, adesão, impacto na aprendizagem, opinião dos organizadores, etc)</i></p> <p>- A visita de estudo decorreu de acordo com o planificado, - Os objetivos propostos foram cumpridos, salientando-se a promoção para uma cultura do saber e saber estar em espaços diferentes dos escolares, o reconhecimento do papel dos monumentos históricos na reconstrução da história e cultura portuguesas e o desenvolvimento do espírito de grupo, do convívio e da amizade. - Os alunos foram pontuais e participaram com empenho e entusiasmo; - Os organizadores foram de opinião que a visita foi um sucesso.</p>	<p>Constrangimentos Aspetos a melhorar</p> <p>Não houve constrangimentos.</p>	<p>Avaliação pelos alunos (preencher com base em informação objetiva recolhida junto dos alunos) ¹</p> <table border="1"> <tr> <td>Interesse da atividade</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>Organização</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>Contributo para a aprendizagem</td> <td>4</td> </tr> <tr> <td>Grau de satisfação</td> <td>5</td> </tr> </table> <p>Avaliação global (a preencher pelo coordenador do departamento / estrutura / projeto) ¹</p> <table border="1"> <tr> <td>Cumprimento dos objetivos</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>Organização</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>Materiais / documentos produzidos</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>Cumprimento dos procedimentos</td> <td>5</td> </tr> <tr> <td>Articulação curricular</td> <td>5</td> </tr> </table>	Interesse da atividade	4	Organização	4	Contributo para a aprendizagem	4	Grau de satisfação	5	Cumprimento dos objetivos	5	Organização	5	Materiais / documentos produzidos	5	Cumprimento dos procedimentos	5	Articulação curricular	5
					Interesse da atividade	4																
Organização	4																					
Contributo para a aprendizagem	4																					
Grau de satisfação	5																					
Cumprimento dos objetivos	5																					
Organização	5																					
Materiais / documentos produzidos	5																					
Cumprimento dos procedimentos	5																					
Articulação curricular	5																					
<p>Contributo para as metas do PE</p> <table border="1"> <tr> <td>Excelente</td> <td>X</td> </tr> <tr> <td>Muito positivo</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Positivo</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Pouco positivo</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Não relevante</td> <td></td> </tr> </table>	Excelente	X	Muito positivo		Positivo		Pouco positivo		Não relevante													
Excelente	X																					
Muito positivo																						
Positivo																						
Pouco positivo																						
Não relevante																						



¹ Notas: Relatório de avaliação da responsabilidade dos dinamizadores da atividade; depois de preenchido 4 entregue cópia ao coordenador de departamento/estrutura para arquivo e apreciação no Conselho Pedagógico (CP).

² Escala de avaliação: 5(Excelente), 4 (Satisfação), 3 (satisfação), 2 (satisfação), 1(Não satisfaz).

Data de elaboração do relatório: ___/___/20___

Data de apreciação pelo CP: ___/___/20___


(Responsável pela atividade) _____ Coordenador do departamento / estrutura _____

Documentário "RUTKA"

Escola B/S de Vale de Tamul

Documentário "Rutka"



Atenção ao que for dito sobre o:

- diário de Rutka;
- sobre a época em que Rutka escreveu o seu diário /sobre a sua família / genocídio dos judeus.


Documentário "Rutka"



O documentário, que foi filmado por uma equipa da BBC, conta a história de Rutka, relatada pela sua meia-irmã israelita Zahava Scherz, que viajou até à cidade de Bedzin para descobrir mais sobre Rutka.




Documentário "Rutka" Respostas




1. Em que ano foi encontrado o diário de Rutka?
Em 2006.
2. Em que país vivia Rutka (país onde foi encontrado o seu diário)?
Na Polónia (Bedzín) - ocupada pelos nazis em 1939.
3. Em que ano Rutha escreveu o diário e que idade tinha?
1943/Tinha 14 anos. Escreveu o diário durante três meses.

Documentário "Rutka"



Rutka (Ruth) Laskier (1929-1943) era uma judia adolescente de Polónia, que ficou conhecida quando se descobriu o seu diário em 2006, salvo por uma sua amiga Stanisława Sapinska.

Documentário "Rutka"



4. De que fala Rutka no seu diário?

De 19 janeiro a 24 abril de 1943, sem o conhecimento de sua família, Rutka Laskier escreveu um diário num caderno escolar comum. Nele fala sobre a sua vida de adolescente (pensamentos íntimos de uma adolescente - primeiras paixões, ...) mas também dos horrores que os judeus como ela estavam a passar nas mãos dos nazis. O seu diário é mais um testemunho do que os nazis fizeram aos judeus durante a 2ª guerra mundial e um conjunto de reflexões e pensamentos sobre o comportamento dos nazis em relação aos judeus. Mas também um testemunho da vida de um adolescente à cerca de 70 anos atrás e que continua a ser a vida de qualquer adolescente nos nossos dias.

Documentário "Rutka"



5. Como foi designada Rutka após o aparecimento do seu diário?
"Anne Frank da Polónia".

6. Que partes do diário foram escolhidas por algumas adolescentes para lerem à meia irmã de Rutka quando esta se deslocou à cidade onde viveu Rutka?

Partes referentes à sua vida de adolescente, por se identificarem com ela, apesar de ter vivido há 70 anos atrás.

7. O que aconteceu a Rutka e à sua família no ano de 1943? Algum membro da família sobreviveu?

Após serem levadas para guetos, foram deportadas para o campo de concentração de Auschwitz. Apenas sobreviveu o pai de Rutka.

Documentário "Rutka"



13. Quais os destinos que os nazis davam aos judeus nos campos de concentração?

Trabalhos forçados (campos de trabalho escravo) e campos de morte (exterminio dos judeus "solução final": câmaras de gás, fuzilamento /destruição dos corpos através de fornos crematórios).

14. O pai de Rutka refere a figura de alguém que logo odiou quando chegou com a família ao campo de concentração de Auschwitz. De quem se tratava? Joseph Mengele. Um dos médicos responsáveis no campo de concentração de Auschwitz entre 1943 e 1945. Mengele seleccionava os prisioneiros chegados ao campo: os que iriam trabalhar enquanto tivessem capacidade para o fazer, os que eram enviados de imediato para as câmaras de gás e os que serviam de cobaias para as suas experiências médicas.

Documentário "Rutka"



8. Cerca de quantos judeus foram mortos pelos nazis durante a 2ª guerra mundial? Qual era o objetivo dos nazis?

Cerca de 6 milhões de judeus. Exterminar o povo judeu.

9. Onde eram colocados os judeus, antes de serem levados para os campos de concentração e em que tipo de lugares eram esses?

Guetos. Bairros pobres e fechados onde eram concentrados os judeus. Limitaram os judeus e bairros onde os controlavam. Tiraram-lhes a liberdade, conforto, dignidade, família.

10. Como era a vida da maioria das famílias judias, antes da ocupação dos nazis? Existia alguma relação entre a situação económica das famílias judias e a política de extermínio do povo judeu pelos nazis?

Viviam bem, abastadas. Sim. Os judeus eram muito invejados, e os nazis tomaram posse dos seus bens (jóias, obras de arte, contas bancárias, casas,...)

Documentário "Rutka"



Joseph Mengele - "Anjo da morte"

Os nazis fizeram uma série de controversas experiências científicas realizadas numa grande quantidade de cobaias humanas que estavam detidos nos campos de concentração.

Os presos eram coagidos a participar. Normalmente, as experiências resultaram em morte, desfiguração ou incapacidade permanente.

Experiências envolvendo crianças e particularmente gêmeos, tinham como principal responsável o médico Joseph Mengele, que realizou experiências em mais de 1500 gêmeos, dos quais apenas cerca de 200 sobreviveram às experiências.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Experimentos_humanos_nazistas

Documentário "Rutka"



11. Qual o significado da estrela amarela que todos os judeus tinham de trazer e qual era o objetivo dos nazis ao obrigá-los a andarem com ela?

Símbolo religioso judaico. Forma de identificar os judeus. Estrela de David amarela ou Estrela Judaica é o nome dado a estrela que deveria obrigatoriamente ser ostentada pelos judeus em público como um sinal distintivo de sua condição judaica. Esta obrigatoriedade foi utilizada por nações cristãs e islâmicas, mas adquiriram destaque como uso distintivo obrigatório para os judeus na Alemanha Nazi.

12. Refere um acontecimento que marcou a cidade?

Incendiaram a sinagoga com centenas de judeus lá dentro.



Escola B/S de Vale do Tamel

Documentário "Rutka"

Correção da Ficha de exploração – turmas do 9º ano

1. **Em que ano foi encontrado o diário de Rutka?** Em 2006. **(4 pontos)** – competência temporalidade
2. **Em que país vivia Rutka (país onde foi encontrado o seu diário)?** Na Polónia (Bedzin)- ocupada pelos nazis em 1939. **(4 pontos)**- competência - espacialidade
3. **Em que ano Rutha escreveu o diário e que idade tinha?** 1943/Tinha 14 anos. Escreveu o diário durante três meses. **(5 pontos)** - competência temporalidade
4. **De que fala Rutka no seu diário?** Da sua vida de adolescente (primeiras paixões, ...) mas também dos horrores que os judeus como ela estavam a passar nas mãos dos nazis. O seu diário é mais um testemunho do que os nazis fizeram aos judeus durante a 2ª guerra mundial e um conjunto de reflexões e pensamentos sobre o comportamento dos nazis em relação aos judeus. Mas também um testemunho da vida de um adolescente à cerca de 70 anos atrás e que continua a ser a vida de qualquer adolescente nos nossos dias. História de uma adolescente numa época muito difícil. Mistura de pensamentos íntimos de uma adolescente com relatos precisos das atrocidades nazis. **(8 pontos)** – competência análise/ interpretação de fonte secundária
5. **Como foi designada Rutka após o aparecimento do seu diário?** "Anne Frank da Polónia". **(4 pontos)** - competência análise/ interpretação de fonte secundária
6. **Que partes do diário foram escolhidas por algumas adolescentes para lerem à meia-irmã de Rutka quando esta se deslocou à cidade onde viveu Rutka?** Partes referentes à sua vida de adolescente, por se identificarem com ela, apesar de ter vivido há 70 anos atrás. **(6 pontos)** - competência análise/ interpretação de fonte secundária
7. **O que aconteceu a Rutka e à sua família no ano de 1943? Algum membro da família sobreviveu?** Após serem levadas para guetos, foram deportados para o campo de concentração de Auschwitz. Apenas sobreviveu o pai de Rutka. **(8 pontos)** - competência análise/ interpretação de fonte secundária
8. **Cerca de quantos judeus foram mortos pelos nazis durante a 2ª guerra mundial? Qual era o objetivo dos nazis?** Cerca de 6 milhões de judeus. Exterminar o povo judeu. **(6 pontos)** – competência contextualização
9. **Onde eram colocados os judeus, antes de serem levados para os campos de concentração e em que tipo de lugares eram esses?** Guetos. Bairros pobres e fechados onde eram concentrados os judeus. Limitaram os judeus a bairros onde os controlavam. Tiraram-lhes a liberdade, conforto, dignidade, família. **(8 pontos)** - competência análise/ interpretação de fonte secundária

10. Como era a vida da maioria das famílias judias, antes da ocupação dos nazis? Existirá alguma relação entre a situação económica das famílias judias e a política de exterminação do povo judeu pelos nazis? Viviam bem, abastadas. Sim. Os judeus eram muito invejados, e os nazis tomaram posse dos seus bens (jóias, obras de arte, contas bancárias, casas,...). (8 pontos) - competência contextualização

11. Qual o significado da estrela amarela que todos os judeus tinham de trazer e qual era o objetivo dos nazis ao obrigá-los a andarem com ela? Símbolo religioso judaico. Forma de identificar os judeus. Estrela de David amarela ou Estrela judaica é o nome dado a estrela que deveria obrigatoriamente ser ostentada pelos judeus em público como um sinal distintivo de sua condição judaica. Esta obrigatoriedade foi utilizada por nações cristãs e islâmicas, mas adquiriram destaque como uso distintivo obrigatório para os judeus na Alemanha Nazi. (6 pontos) - competência contextualização

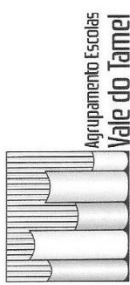
12. Refere um acontecimento que marcou a cidade? Incendiaram a sinagoga com centenas de judeus lá dentro. (4 pontos) - competência análise/ interpretação de fonte secundária

13. Quais os destinos que os nazis davam aos judeus nos campos de concentração? Trabalhos forçados (campos de trabalho escravo) e campos da morte (extermínio dos judeus "solução final"- câmaras de gás, fuzilamento /destruição dos corpos através de fornos crematórios). (8 pontos) - competência contextualização

14. O pai de Rutka refere a figura de alguém que logo odiou quando chegou com a família ao campo de concentração de Auschwitz. De quem se tratava? Joseph Mengele. Um dos médicos responsáveis no campo de concentração de Auschwitz. Mengele selecionava/separava os prisioneiros chegados ao campo: os que iriam trabalhar enquanto tivessem capacidade para o fazer, os que eram enviados de imediato mortos (6 pontos) - competência análise/ interpretação de fonte secundária

15. **Elabora um texto sobre o que achaste deste documentário e o que aprendeste de mais relevante com ele.** (15 pontos) - competência comunicação

Achas que esta atividade foi bem organizada, interessante e contribuiu para a tua aprendizagem? Justifica a tua resposta.



PLANO ANUAL DE ATIVIDADES (Anexo 3)

Relatório de atividade

Estabelecimento de Ensino		Escola B/S de Vale do Tâmega	Atividade	"Filme do Mês" de fevereiro (Diário de Rutka)
Dinamização		BE/História (Fátima Pereira e Teresa Rodrigues)	Local (is) visitados (s)	-
Destinatários		Turmas do 9º ano	Data	7 a 18 de fevereiro de 2013
Atividade (s) Desenvolvida (s) A atividade foi desenvolvida em sala de aula (História). O material de apoio à atividade foi elaborado pela coordenadora da BE: PowerPoint com uma breve apresentação do documentário e questões da ficha de trabalho e respetivas respostas. As professoras de História orientaram a atividade. Após uma breve apresentação, em PowerPoint, do documentário e dos aspetos aos quais os alunos deveriam estar atentos. Os alunos visualizaram o documentário, estabelecendo-se depois um diálogo sobre o documentário, através da resposta a um conjunto de questões sobre o mesmo.		Avaliação As atividades decorreram de acordo com o programado, atingindo-se os objetivos propostos: desenvolver competências de literacia da informação através da utilização dos audiovisuais (documentário); desenvolver o espírito crítico e as competências de observação e análise de um recurso audiovisual; promover o diálogo e a síntese escrita sobre o filme escolhido, relacionando-o com o currículo da disciplina de História; compreender a importância do diário de Rutka como mais um testemunho escrito das atrocidades cometidas pelos nazis em relação aos judeus durante a 2ª guerra mundial; consolidar o tema - Genocídio dos judeus (holocausto), abordado nas aulas de História, através da visualização/exploração do documentário. Os alunos envolvidos revelaram retetividade e interesse nas atividades desenvolvidas.		Constrangimentos Aspetos a melhorar Nada a registar.
Articulação com as metas do Projeto Educativo (Indique a prioridade em que se enquadra)		Avaliação pelos alunos (preencher com base em informação objetiva recolhida junto dos alunos) ¹		
Meta 1 Meta 7		Interesse da atividade 4 Organização 5 Contributo para a aprendizagem 5 Grau de satisfação 4		
Contributo para as metas do PE		Avaliação global (a preencher pelo coordenador do departamento / estrutura / projeto) ¹		
Excelente		Cumprimento dos objetivos 5		
Muito positivo x		Organização 5		
Positivo		Materiais / documentos produzidos 5		
Pouco positivo		Cumprimento dos procedimentos 5		
Não relevante		Articulação curricular 5		

Nota: Relatório de avaliação da responsabilidade dos dinamizadores da atividade, depois de preenchido é entregue cópia ao coordenador de departamento/estrutura para arquivo e apreciação no Conselho Pedagógico (CP).

¹ Escala de avaliação: 5(Excelente), 4 (Satisfaz Bastante), 3 (Satisfaz), 2 (Satisfaz Pouco), 1(Não satisfaz).

Data de elaboração do relatório:

20/02/2013

Data de apreciação pelo CP:

___/___/20___

(Responsáveis pela atividade)

Coordenadoras da BE/DCHS



Escola B/S de Vale do Tamel

Atividade “Ler pela História”

Dinamizadores: BE/História (Fátima Pereira e Teresa Rodrigues)

Destinatários: 9ºanos

Calendarização: 2º e 3º períodos

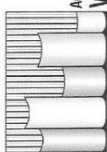
Local: sala de aula

Recursos: Obras literárias, projetor multimédia, apresentações em powerPoint ou em outro formato digital.

Descrição: cada turma é dividida em 4 grupos, sendo que cada um terá de selecionar, ler e explorar um livro que deve requisitar na biblioteca, apresentando-o, posteriormente, à turma durante cerca de 10 m. O objetivo é que, após uma breve biografia do autor e uma síntese do livro, o relacionem com os conteúdos históricos que estão a abordar em História (2ª guerra mundial e discriminação e extermínio dos judeus/ campos de concentração; guerra civil espanhola/salazarismo; regresso dos portugueses das colónias africanas – Retornados – aquando da independência das mesmas; emigração portuguesa no anos 60/70).

Livros selecionados:

Turmas 9ºD e 9ºE (8 grupos)	Turmas 9ºA, B e C (12 grupos)
“O rapaz do Pijama às riscas” de John Boyne (2 grupos)	“O rapaz do Pijama às riscas” de John Boyne (3 grupos)
“O mundo em que vivi” de Ilse Losa (2 grupos)	“O mundo em que vivi” de Ilse Losa (3 grupos)
“Diário de Anne Frank” (1 grupo)	“Dia” de Elie Wiesel (1 grupo)
“ Por ti resistirei” de Júlio Magalhães (1 grupo)	“Noite” de Elie Wiesel (1 grupo)
A Última Testemunha de Auschwitz” de Rob Broomby (1 grupo)	“Diário de Anne Frank” (1 grupo)
“O pianista” de Wladyslaw Szpilman (1 grupo)	“Não nos roubarão a Esperança” de Júlio Magalhães (1 grupo)
	“Retornados” de Júlio Magalhães (1 grupo)
	“Longe do meu coração” de Júlio Magalhães (1 grupo)



Ministério da
Educação

Agrupamento Escolar
Vale do Tâmega

PLANO ANUAL DE ATIVIDADES (Anexo 3)

Relatório de atividade

Estabelecimento de Ensino	Escola B/S de Vale do Tâmega	Atividade	Ler pela História/ Obras: 9ºD- "O Rapaz de Pijama às Riscas", "Por ti resistirei", "Pianista", "O Mundo em que vivi"; 9ºE- "Diário de Anne Frank", "A Última Testemunha de Auschwitz", "O Rapaz de pijama às Riscas" e "o Mundo em que vivi".
Dinamização	BE/História (Fátima Pereira)	Local (s) visitados (s)	
Destinatários	9ºD e 9ºE	Data	
Articulação com as metas do Projeto Educativo (Indique a prioridade em que se enquadra)		Atividade (s) Desenvolvida (s)	Constrangimentos Aspectos a melhorar
Meta 1- Melhorar a qualidade da aprendizagem e os resultados escolares Meta 7-Promover um ambiente educativo adequado ao sistema de ensino.	A atividade foi desenvolvida em sala de aula (História) e na Biblioteca. O material de apoio à atividade foi elaborado pela coordenadora da BE com a colaboração da docente de História: escolheu as obras para serem analisadas pelos grupos de trabalho, algumas orientações a terem presentes durante a leitura da obra. A docente de História orientou a atividade na sala de aula. Após a leitura da obra selecionada pelo grupo propôs-se que o mesmo fizesse a apresentação do livro, em PowerPoint, onde deveriam estar presentes, alguns aspetos: uma breve biografia do autor; uma abordagem do enredo da história, onde se destacassem os momentos mais marcantes devidamente contextualizados nos conteúdos abordados na disciplina	As atividades decorreram de acordo com o programado, atingindo-se os objetivos propostos; distinguir fontes de informação histórica diversas; localizar no tempo eventos e processos; Localizar no espaço áreas de dominação política e militar; distinguir, numa dada realidade, os aspetos de ordem económica, social e política; desenvolver a comunicação oral e o espírito crítico envolvendo os alunos na apresentação oral de trabalhos temáticos sobre História no contexto europeu e mundial; promover o diálogo e a síntese escrita sobre o livro escolhido, relacionando-o com o currículo da disciplina. Os alunos envolvidos revelaram receptividade e interesse nas atividades desenvolvidas.	Nada a registar.
Contributo para as metas do PE	Excelente		Avaliação pelos alunos (preencher com base em informação objetiva recolhida junto de alunos) ¹
	Muito positivo		Interesse da atividade 4
	Positivo		Organização 4
	Pouco positivo		Contributo para a aprendizagem 4
	Não relevante		Grau de satisfação 4
			Avaliação global (a preencher pelo coordenador de departamento / estrutura / projeto) ¹
			Cumprimento dos objetivos 5
			Organização 5
			Materiais / documentos produzidos 5
			Cumprimento dos procedimentos 5
			Articulação curricular 5

Nota: Relatório de avaliação da responsabilidade dos dinamizadores da atividade, depois de preenchido e entregue cópia ao coordenador de departamento/estrutura para arquivo e apreciação no Conselho Pedagógico (CP).

¹ Escala de avaliação: 5(Escecilente); 4 (Satisfaz Bastante); 3 (satisfaz); 2 (satisfaz Pouco); 1(Não satisfaz);